

# ILUSTRAÇÃO



A obra mais luxuosa e artística  
dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume  
da monumental

# HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção  
de

**Albino Forjaz de Sampaio**

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de architectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguezas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS  
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# OBRAS DE JULIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>ma</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	0\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 13\$00; br....	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ....	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ....	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ....	8\$00

## Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND  
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

# Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS, Duches,  
Irrigações, Pulveri-  
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Acaba de sair

A 4.<sup>a</sup> EDIÇÃO

## Terras do Demo

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 332 págs., brochado . . . 12\$00

Encadernado . . . . . 16\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LSBOA

### ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 100 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular . . . . .	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada) . . . . .	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português . . . . .	—	64\$50	129\$00
(Registada) . . . . .	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias . . . . .	—	63\$00	126\$00
(Registada) . . . . .	—	67\$50	135\$00
Brasil . . . . .	—	66\$00	132\$00
(Registada) . . . . .	—	75\$00	150\$00
Outros países . . . . .	—	75\$00	150\$00
(Registada) . . . . .	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## O Menino vai indo Muito Bem



e a razão é simples: toma os  
ALIMENTOS ALLENBURYS,  
vitaminados, e estes têm uma  
composição semelhante á do  
leite materno.

Quando a amamentação ao  
peito falte, ou seja imprópria  
— não hesite: dê ALLEN-  
BURYS ao bebé e vê-lo-á  
normalmente desenvolver-se.  
Médicos de todo o mundo  
ha perto de meio século os  
recomendam.

À venda nas boas  
farmácias e mer-  
cearias  
Folheto ilustrado  
gratis

# 'Allenburys'

ALLEN & HANBURYS LTD. Londres.  
Representantes: COLL TAYLOR LDA., R. Douradores, 29-1, LISBOA.  
Telef.: 21476. Teleg. DELTA.  
agente no PORTO: Farmácia Sarabando, L. Loios, 35.

### ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

## Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida  
ou preparar a fortuna

2.<sup>a</sup> edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

# O BÉBÉ

**A arte de cuidar do lactante**

TRADUÇÃO DE

Dr.<sup>a</sup> Sára Benoliel

E

Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do **Dr. L. Castro Freire**  
e com a colaboração

do **Dr. Heitor da Fonseca**

*Um formosíssimo vol. ilustrado . . . . 6\$00*

DEPOSITÁRIA

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

Grande sucesso literário

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO

## As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 268 págs., brochado . . . . 10\$00  
encadernado . . . . 14\$00

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

À venda a 3.<sup>a</sup> edição

# PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUZA COSTA**

**Brandões, Marçais & C.<sup>a</sup>**

Com uma carta zincografada de **JOÃO BRANDÃO**

**SUMARIO**

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cónegos. — O «Russo». — O forte de S. Paio. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Ayô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — Reprodução da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado . . . . 10\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

*Rua da Condessa, 80 — LISBOA*

# DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

**ISALITA**

1 volume encad. com 351 págs.

**25\$00**

Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

# UNIÃO ELECTRICIA PORTUGUESA

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Séde — Rua Duque de Loulé, n.º 240 — PORTO Capital realizado — QUARENTA MIL CONTOS

Emissão de 50.000 obrigações de titulos de 1, 5, 10 e 100 obrigações do valor nominal de uma libra cada uma

Legalmente autorizada pelo Ex.<sup>mo</sup> Ministro do Comercio

Estas obrigações são de cupão e vencem juro — livre de impostos para o obrigacionista — à taxa de 7,5 % ao ano pagavel aos semestres, em 1 de Janeiro e 1 de Julho.

A amortização que a **União Electrica Portuguesa** se reserva o direito de antecipar por sorteio e pelo valor nominal, ou tambem por compra no mercado, far-se-á pelo valor nominal e por sorteios semestrais, a realizar nos meses de Julho e Dezembro de cada ano, no prazo maximo de 30 anos, principiando em 1 de Janeiro de 1934.

Os cambios para o pagamento de juros e amortização, efectuado no país, serão os dos dias fixados para o respectivo pagamento.

As obrigações são garantidas pelos valores gerais da Sociedade.

## Condições da Subscrição

A subscrição, que é sujeita a rateio, está aberta desde 27 do corrente mês até 3 de Agosto p. f., na séde e filiais do **Banco Pinto & Sotto Maior**, delegado da Companhia e nos seguintes estabelecimentos:

### LISBOA

**Banco Nacional Ultramarino**  
 » **Lisboa & Açores**  
 » **Comercial de Lisboa**  
 » **Burnay**  
 » **Português do Continente e Ilhas**  
**Banco Agricultura**  
 » **da Madeira**  
 » **do Fayal**  
**Montepio Geral**  
**Borges & Irmão**  
**José Henriques Totta, Ld.<sup>a</sup>**  
**Porto Covo & C.<sup>a</sup>**  
**Pancada Morais & C.<sup>a</sup>**

### PORTO

**Banco Aliança**  
 » **Nacional Ultramarino**  
 » **Lisboa & Açores**  
 » **Comercial do Porto**  
**Montepio Geral**  
**Borges & Irmão**  
**J. M. Fernandes Guimarães**  
**Joaquim Pinto Leite**  
**Cupertino de Miranda & C.<sup>a</sup>**  
**Sousa Cruz & C.<sup>a</sup>**  
**Luís Ferreira Alves & C.<sup>a</sup>, Ld.<sup>a</sup>**  
**Pego Seromenho & C.<sup>a</sup>, Ld.<sup>a</sup>**  
**António Coimbra & Irmãos, Ld.<sup>a</sup>**

e nos corretores oficiais

Independentemente de rateio, é concedida a todos os accionistas ou obrigacionistas a preferencia para subscreverem uma obrigação por cada 10 acções ou obrigações que possuam.

A fim de poderem usar o direito de preferencia deverão os Srs. Accionistas e Obrigacionistas apresentar no acto da Subscrição as suas acções ou obrigações, para serem carimbadas.

As obrigações serão oferecidas ao publico ao preço de Esc. 110\$00 por cada obrigação, pagaveis do seguinte modo:

20 % no acto da subscrição      30 % de 15 a 20 de Outubro  
 50 % de 15 a 20 de Dezembro

PORTO, 24 DE JULHO DE 1933

*Pela União Electrica Portuguesa*

O Conselho de administração



## Dôres de ouvidos

VALOR

— as terríveis dôres de ouvidos! Que admira que elas sejam insuportáveis e tanto abatem o físico e o moral do paciente se são os ouvidos dos órgãos mais sensíveis e delicados do corpo humano?

Mas é fácil domá-las e vencê-las por mais violentas que sejam: Bastam dois comprimidos de Cafiaspirina.



# Cafiaspirina

PRODUTO DE CONFIANÇA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

## ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. .... 10\$00  
Enc. .... 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80  
**LISBOA**

...é só **FLIT**  
que me  
convem...



Não quero nem  
só um nojento insecto  
em minha casa

Para que dar albergue aos pestilentos insectos quando, o poderoso FLIT, é tão económico e fácil de aplicar? Moscas, mosquitos e todos os abomináveis insectos, que diminuem o seu bem estar e fazem perigar a sua saúde, são rapidamente mortos vaporizando FLIT que é inofensivo para o homem e não mancha. O FLIT é vendido *unicamente* nas latas amarelas seladas, com o soldado e a barra preta, e nunca de outra forma.



# FLIT

Representantes Exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias  
ESTABELECIMENTOS JERONIMO MARTINS & FILHOS  
13, Rua Garrett, 23 — LISBOA

## Como se faz fortuna

POR

**SILVAIN ROUDÉS**

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pág., br. .... 8\$00

PEDIDOS À

**Livraria BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

EM todos os tempos se atribuiu grandeza ao governo do príncipe protetor das artes. Por este título não se designava apenas o que hoje anda sob tal rubrica. A mais da pintura, ou arquitetura referia mathematica, geógrafia e o mais que actualmente se chama cultura.

Os Medicis ganharam por essa via um favor da historia que basta para estender um veu encobridor sobre crueldades e tiranias que chegariam para enchê-los de oprobrio. Outro tanto succede aos papas da Renascença, de cronica escandalosa. Diz-se de uns e outros que se deve ao seu apoio e estimulo muito do trabalho de Sanzio, Buonarroti, Donatelo, Guirlandajo, de muitos a par destes. Para comprová-lo contam-se anedotas, como por exemplo a de Clemente VII que atacara e entrara em Florença, defendida por engenhos da iniciativa do que mais tarde se ficou chamando Michel'Angelo. O artista fugira, o papa quiz havê-lo a todo o preço. E quando lho trouxeram, o castigo que lhe impoz, foi exigir o acabamento das obras de arte em que estava trabalhando.

Ao devasso Francisco I de França, guerreiro infeliz, ninguem o lembraria sem tédio, ou horror, se não fosse o seu entusiasmo pelas artes, ciências e letras. É por isso que, em vez de crapuloso, lhe chamam galante.

A lição presta para mostrar o prestimo da cultura conseguida através do auxílio dado á produção do poeta, do pintor, do sabio.

A historia não adota de animo leve este conceito. A seculos de distancia é que se aprecia bem o real valor que representa para um paiz, ter acalentado e feito prosperar um Rubens, um Sansovino, um Guido Reni, um Bernini, um Racine e similares.

Imaginemos que um dos nossos reis, qualquer da vasta colecção de estúpidos que o destino nos forneceu, escolhamos mesmo o pior, o cardinal-rei, e suponhamo-lo dado a êsse geito protector, em termos de criar escolas donde saísse uma série de génios das artes plásticas e literárias.

## CRÓNICA DÁ QUINZENA

Tenhamos por certo que a memória execrável por êle deixada não appareceria a nú. Talvez se apresentasse como a de Lourenço, o Magnífico. Perdoar-lhe-íamos tudo, se vissemos palácios e museus turgidos de belezas, esparcos por muitas terras portuguesas.

O conceito de há cinco séculos, ou de há dois mil anos permanece vivo nesta hora porque será eterno.

Bem o compreende o ditador italiano que, enquanto promove a secagem dos Paúes Pontinos e abre as auto-estradas, também estimula as escavações, funda a Academia com Annúnzio, Marconi, Pirandello e protege jornais, revistas, fôlhas, ilustrações e outros instrumentos de cultura. Ao premeditar a realização de obra governativa, que a história no futuro respeitasse, achou indispensáveis as parcelas apresentadas em último lugar, porque, sem elas, a soma não atingiria a cifra nível das épocas culminantes.

Não constitui sêgrêdo para ninguém que o govêrno fascista acalenta numerosas publicações entre diários, semanários, mensários e se responsabilisa por edições monumentais como a Grande Enciclopédia em via de concluir-se.

Aqui estamos chegados ao confronto doloroso com o que entre nós acontece. O govêrno português ainda se não interessou por êste ponto que parece digno de considerar.

Por mingua de recursos, ou falta de tempo para meditar em caso desta natureza, não só se abstem de proteger, como deixa proseguir velhas práticas e gravames que estorvam e comprometem a existência do pouco e defeituoso que aparece.

O próprio exemplo desta "Ilustração" permite mostrar a contingência de tais

empreendimentos, perante o conditionalismo económico que as leis lhe oferecem.

Quási todas as matérias primas, em especial o papel, são oneradas com direitos asfixiantes. Muito pouco do que se emprega para fabricar o exemplar folheado pelo leitor se pode produzir dentro do paiz.

Cada número atinge um preço elevado de custo, resultante da conta inicial com aquele artigo. Dada a minúscula expansão atingida por género desta natureza no paiz em que vivemos, abundante em alfabetos, parco em letrados, e êsses pobres, fácil é imaginar os transe sofridos por quem se arrisca a publicar ilustrações, revistas, semanários culturais. Os sacrificios multiplicam-se, as deficiências acumulam-se, com bem dura mágua para os que as reconhecem inamovíveis. Ao desejo de produzir melhor responde sempre a realidade com o impedimento formal de melhorar.

Dentro das condições que o estatuto aduaneiro oferece não se consegue a obra bela, aprasível, educativa, que se precisava e poderia realizar-se, no caso de as circunstâncias serem outras.

Os factos mostram que nem a revista ilustrada desejável, nem mesmo a presente, com os defeitos que se lhe notam, perdurará muito tempo, se os meios de resistência oferecidos pelo ambiente permanecerem imutáveis.

Os que dispõem de poder para alterar os preceitos embaraçosos já referidos, meditem sôbre a vantagem de existirem, ou não êstes instrumentos de publicidade, em que trabalham obreiros manuais e intellectuais, alguns dos ultimos sem estipendio, só pelo bom desejo de servirem a nação. Se os acharem úteis há que favorecer o seu fabrico, pelo menos com auxílio prestado à aquisição da sua principal matéria prima, êste papel "couché" que a indústria portuguesa não produz. Se julgarem preferível o desaparecimento dos actuais, sem que outros os substituam, basta não mexer no que está.

## DUAS GRANDES MULHERES

## Madame Roland e Carlota Corday

**P**ODEMOS pô-las ombro a ombro: — embora a primeira, M.<sup>me</sup> Roland, mantenha indiscutível primazia nos domínios do talento criador e da actividade política.

Aproxima-as, porém, a educação clássica, o amor à liberdade, a paixão pela República, Carlota Corday como M.<sup>me</sup> Roland vindo no partido da Gironda, na falange mais intelectual das avançadas democráticas, a garantia e o equilíbrio dos seus sonhos patrióticos. Irmanadas ainda o impulso que deram ao dragão revolucionário, por pensamentos, palavras e obras, na crença de lhe travar a marcha vertiginosa. E foram elas, sem dúvida, cada uma no seu posto, as mais notáveis figuras da época do Terror, em que tanto se evidenciaram dezenas de mulheres de acção, centenas de mulheres heroicas, milhares de mulheres sublimes.

Educada na escola da *História Romana*, M.<sup>me</sup> Roland toma Plutarco por divino mestre. Apaixona-se pelos inimigos dos déspotas, representando em Bruto a personificação da liberdade. Como na época da Renascença, em que foi moda os da piedade conjugal elegerem Heitor por modelo, Aquiles os inclinados à vingança, Edipo os sensíveis ao remorso, na época da Revolução torna-se moda adoptar por figurino um herói clássico. M.<sup>me</sup> Roland escolhe e encarna o de Cornélio: — sendo de facto e de direito a mãe dos Gracchos.

Na verdade, os Girondinos, a ala dos namorados da Liberdade, são seus filhos adoptivos, amamentos ao seio da sua fé política, criados à sua imagem e semelhança.

Porisso, ela que lhes marcou o lugar na Assembleia Legislativa, ela que lhes afinou a voz para a proclamação da República, ela os levou pela mão à lição espartana do cadafalso.

Porque? Porque o seu coração de mulher é maior do que a sua alma de revolucionária.

Assim, M.<sup>me</sup> Roland, que tem o marido na Assembleia e no Ministério como editor responsável dos decretos embalados no seu cérebro; que pelo prestígio da beleza imaculada e pela energia da palavra sedutora orienta e dirige a mais combativa e a mais audaciosa falange intelectual da esquerda legislativa — falange que toma por divisa o ingénua romantismo de Barbaroux e por guia a eloquência generosa de Vergniaud — M.<sup>me</sup> Roland, acorda do seu sonho aos toques de rebate do 2 de Setembro.

E vê os Brutos do Senado brandindo a vara dos Césares. E surpreende os Sócrates a darem a beber a sicuta, não a beberem-na. E observa os Catões, não a rasgarem as suas entranhas, a rasgarem as entranhas dos contrários.

Bate as pálpebras, sacode a cabeça, acerta as ideias pelos sentimentos.

Não, não era aquilo o que ela queria.

O seu sonho fôra atraído pela crua realidade. Vêm a seguir a morte do rei, com os morticínios dos departamentos. E ela, que mais do que ninguém fizera o 22 de Setembro, isto é, a queda da Monarquia, faz o 31 de Maio, a queda dos Girondinos.

Grita contra os morticínios. Proclama e leva os seus a proclamar as obras de Misericórdia — e a mãe dos Gracchos sucumbe sob os destroços da sua obra de libertação. Mas sucumbe com majestade que não foi excedida por Cornélio — ao que consta dos testemunhos assinados pelos contemporâneos.

Sobe ao cadafalso vestida de branco. E apesar do vendaval das imprecações e do granizo das apostrofes, impassível e alta no seio da tempestade, só o cutelo de Sansão lhe apaga na bôca o sorriso da convicção e da indulgência.

— A República, como Saturno, devora



Carlota Corday

os próprios filhos — dita M.<sup>me</sup> Roland ao morrer. E o seu ditado converte-se na lei fatídica do Terror.

É a seguir à queda dos Girondinos, filhos espirituais de M.<sup>me</sup> Roland, que vem à arena a Virgem d'Argentant, a moça e varonil Carlota Corday — cujo punhal, em lugar de travar o corsel da vertigem, o precipita em desastuosa carreira.

Filha de nobres, da família dos d'Armont, educada no afecto da Cidade Antiga, conforme os Cânones literários dos tempos, sente-se irmã de Paulina, crê-se um dos vultos insignes de Plutarco. Pelo que, republicana de alma e coração, pretende para o seu país a República da paz e da igualdade.

Os girondinos, na República proclamada e na mística do seu, credo são o penhor dessa paz, a segurança dessa igualdade.

Nisto, vê tombar os ídolos na guilhotina e no destêrro — porque prégaram a clemência, acusados de traidores, de partidários da República Federalista, de secretamente entendidos com Dumoriez, nesta conjuntura emigrado e a preparar o golpe militar da contra-revolução. Vê tombar Barbaroux, o seu amor!

E quem prega o ódio à Planície, a morte dos da Gironda? É Marat, o epiléptico do ódio, o possesso da morte, a quem Deus enchera o corpo de peçonha, que o obrigava a estar no banho noite e dia, depois do Diabo lhe ter atulhado a alma de raiva — raiva dia e noite, insaciavelmente, a uivar pressagas sêdes de sangue.

Causa calafrios o retrato do jacobino debuxado nas *Memórias* de Garat. O Dr. Cabanés, no *Gabinete Secreto da História*, faz o somatório das características da sua doença, e diagnostica-a de lepra, não de eczema. Marat vive num covil, onde esconde a sua lepra e donde fulmina os seus ódios.

Carlota, da Bretanha mete a Paris. Chega a 11 de julho de 93. A 13 apunhala no coração o apostata da Igualdade, o inimigo da paz, que recebera na banheira a sua mocidade em flor. E a 19, sob a ardência da atmosfera canicular, a trovoadra colaborando no cenário da tragédia, os cabelos soltos ao vento, a cabeça intrépida afrontando a turba desvairada, os seios virgens aflando debaixo da camisola vermelha, — veste simbólica dos assassinos — a moça bretã trepa ao cadafalso na radiosa ventura que Chenier esculpturou em versos imortais.

Não discute se Carlota procedeu bem ou mal vingando a morte com a morte — porque não consigo afeioar o espírito aos preceitos bárbaros do direito de matar.

Anoto apenas — e êste é o objecto desta crónica — que o seu acto de energia romana só logrou divinizar Marat e excitar o delírio da carnagem.

Marat, da alfurja da Rua dos Franciscanos, subiu ao capitólio das apoteoses. O seu busto foi alçado e festejado no pedestal dos teatros, das escolas, dos jardins, das igrejas — onde substituiu o dos santos nos altares. E o fero instinto da chachina trepou com êle os últimos degraus do desvairamento.

E aí está como estas duas e grandes mulheres, uma chamando à ordem os matadores de 2 de setembro, na convicção de que pôl termo às matanças realizadas em nome da Liberdade, outra eliminando Marat, na certeza de que arranca pela raiz a árvore daninha das perseguições e sangueiras perpetradas à sombra da Fraternidade, se tornaram vítimas da sua boa-fé, empurrando o regimen da Liberdade, da Fraternidade e da Igualdade para o delírio rubro da Tirania de Robespierre.

A onda revolucionária, uma vez em marcha, nada a detem na carreira. E sufoca, e engole, e devora os próprios que lhe deram o primeiro impulso, sempre que êstes, no terror das finalidades imprevisas, procuram moderá-la ou discipliná-la.

Sousa Costa.

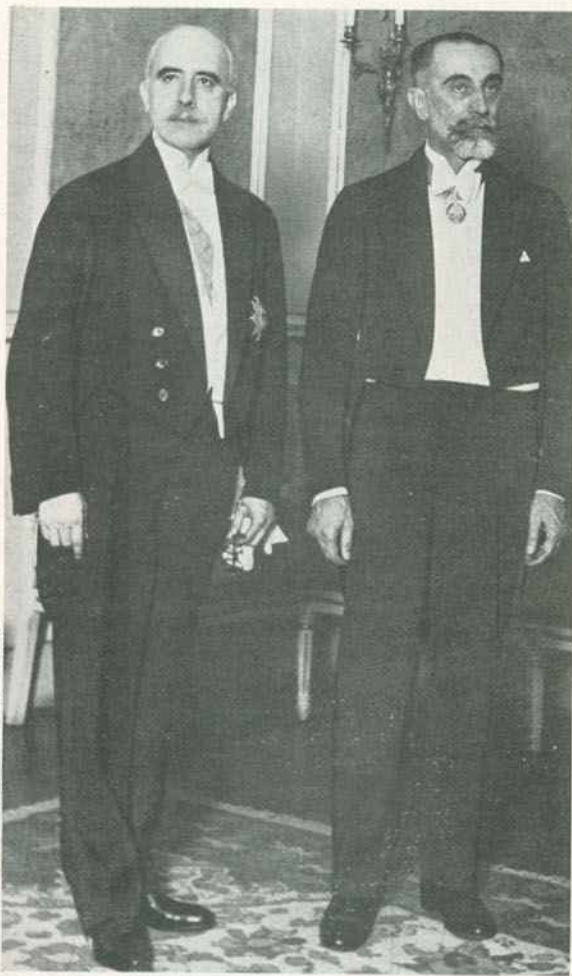


## O banquete na Embaixada do Brasil em homenagem ao sr. dr. Júlio Dantas

O sr. embaixador do Brasil, dr. José Bonifácio de Andrada e Silva e esposa, ofereceram, há dias, no palácio da Embaixada, um banquete ao sr. dr. Júlio Dantas, insigne homem de letras e ilustre presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Assistiram os srs. ministro da Instrução, dr. Barbosa de Magalhães, presidente da Ordem dos Advogados; almirante Magalhães Correia, ex-ministro da Marinha, e esposa; dr. José de Figueiredo, presidente da Academia de Belas Artes; a sr.<sup>a</sup> Graça Aranha, Joaquim Leitão, dr. Cunha Gonçalves, sr.<sup>a</sup> Figueira de Melo e filhas, dr. Bento Carqueja, sr.<sup>a</sup> Leitão da Cunha, general Teixeira Botelho, dr. António Pereira Forjaz, conselheiro Figueira de Melo, sr.<sup>a</sup> Andrada e Silva, dr. Leitão da Cunha, dr. Martim Francisco Lafayette de Andrada, general Aquiles Machado, etc.

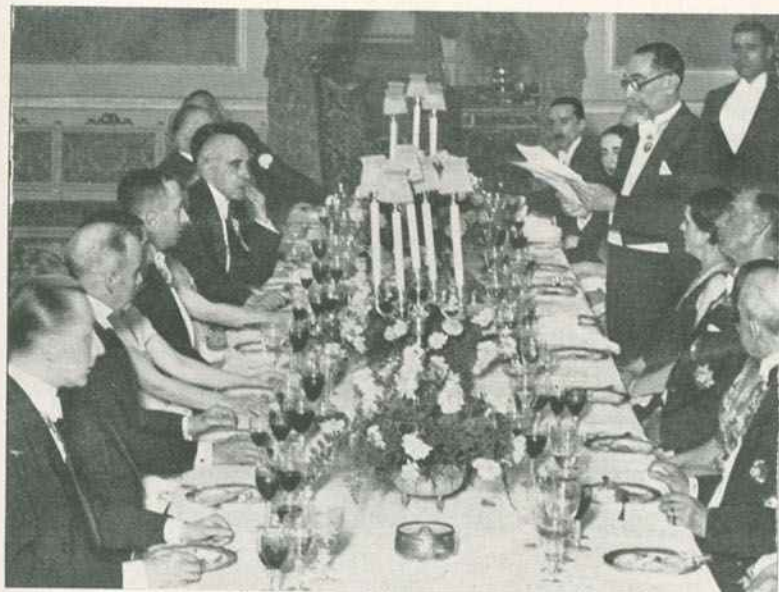
A sobremesa o sr. Embaixador pronunciou um discurso de saudação ao sr. dr. Júlio Dantas, como presidente da Academia, instituição cujo prestígio acentuou. Saudou-o também como escritor, prosador e poeta, «glória das letras portuguesas, em repercussão proeminente no meio internacional.»

O nosso brilhante colaborador sr. dr. Júlio Dantas, respondeu, num elegante discurso — que nos é impossível reproduzir na íntegra — agradecendo as saudações recebidas. Depois de recordar que, há cerca de 120 anos a Academia é grata ao nome de José Bonifácio de Andrada e Silva, pois o sábio naturalista, catedrático da Universidade de Coimbra, foi secretário perpétuo da Academia de Ciências, de 1812 a 1819, num período que foi dos mais brilhantes e fecundos daquela instituição, referindo-se à valiosa acção do descendente desse prestígio brasileiro que veio ocupar o alto posto diplomático da embaixada do Brasil em Lisboa. Terminou por beijar as mãos da sr.<sup>a</sup> Embaixatriz e saudar a Academia Brasileira de Letras, nossa irmã mais nova, que com tanto brilho zela e defende, além Atlântico, o patri-



mónio espiritual comum. Ergueu, a sua taça pelo Brasil magnífico, pelo seu prestígio crescente, pela sua admirável e indistritível unidade, pela permanência dos laços fraternais que unem as duas grandes nações da língua portuguesa.

EM CIMA: Os srs. Embaixador do Brasil e dr. Júlio Dantas, posando para o nosso fotógrafo. — Ao LADO: Um aspecto do banquete durante o discurso do sr. Embaixador do Brasil. — EM BAIXO: Os convivas ao banquete, vendo-se ao centro o sr. ministro da Instrução



Não gosto que me falem do passado, para que à memória me não venham as horas más que por elle soaram.

Mas voluntariamente ponho-me às vezes a revolver as cinzas com a pá da minha mágoa, porque sózinha não pôdem ver as lágrimas que me custa essa excursão pelos campos, ora destroçados e áridos, da minha vida.

E quero a esses tempos idos, por tudo quanto me deram de bom e de mau, de alegria e de tristeza, pelas flores viçosas da glória, que por instantes me embriagaram, e até pelos espinhos em que rasguei a alma, porque há no sofrimento um prazer talvez mais intenso, do que aquêle que a felicidade nos dá.

E mesmo que em não quizesse lançar meus olhos para a vida que passou não podia deixar de o fazer, porque os acontecimentos obrigam-me a voltar a cabeça e a olhar para traz.

Sombras, por mim queridas pelo seu affecto ou pela parte accidental que tomaram nos vaivens da minha encapelada existência, passam a meu lado e chamam-me para que as siga ao templo poeirento das recordações.

Há pouco a condessa de Noailles, a poetisa excelsa cuja voz vibrou aos meus ouvidos em ondas harmoniosas de amor e entusiasmo, logo Manuel Benjamim — o músico-poeta — e agora Rosário Pino, comediante illustre, que me tocou de perto com o seu encanto e a sua simpatia.

Quando li nos jornais a notícia da sua morte, ajoelhei diante da urna das minhas venturas e das minhas dôres e puz-me a sacar de lá as lembranças aí armazenadas sem ordem, mas atadas com a mesma fita tóxa da saúde.

E fôram surgindo à vontade notas dolorosas — o retrato do meu último filho, emagrecido e exausto, esperando a morte que rondava perto — programas gloriosos, testemunhas de um triunfo penosamente ganho, pregoeiros da minha aventura — da grande aventura da minha portuguesíssima tenacidade. Entre esses troféus que de pezares nasceram e querem dizer vitória, salta-me, berrante e impressionador, o cartaz do Teatro Lara de Madrid, o teatro alcandorado em pergaminhos, onde se acotevelavam, na sala, as personalidades mais em destaque da aristocracia, das finanças, da política e das letras, no palco, os nomes mais cotados na arte de Talma.

Mas eu conto: Um dia, desgostosa com chicanas de bastidores, meteu-se-me na cabeça fazer de palcos estrangeiros meu domínio também.

## CINZAS DO PASSADO

## Rosário Pino

A partida era arriscada, mas nunca fui assustadiça.

Estava apenas apreensiva, era o primeiro salto fóra da minha terrinha tão amada.

Madrid afigurou-se-me o ponto ideal para plantar a primeira bandeira da conquistista.

Meti na mala o meu *maillot* completo, o único aparecido em palcos portugueses, — com grande escândalo da burguezia que hoje delira com a epiderme nua das coristas — alguns vestidos transparentes e, com meia dúzia de canções em várias línguas e uma guitarra a tiracolo, abalei, em cata do meu sonho.

Os jornais deram logo conta da minha chegada, e fui parar ao palco do Teatro Lara, onde eu nunca pensei pôr o pé, pelas tradições a elle ligadas, visto o meu trabalho estar incluído então no género infimo — que depois elevou Raquel Meller e outras às culminâncias da celebridade.

Da companhia fazia parte, como primeira dama, Rosário Pino, uma linda

mulher na força da mocidade e de posse dum talento já invejado.

Acompanhavam-na Luz Suarez, Rafaela Lasehras, actrizes de valor, e os insuperáveis Pedro de Arana e Mariano Larra.

Trataram-me com um affecto inexcelsível e todos me ofereceram as suas fotografias.

Rosário ligou-se tanto a mim, que nunca deixou de dar-me notícias suas; e, quando da minha volta da grande guerra, escreveu-me uma carta gentilissima, que me penhorou mais por ser dirigida a uma portuguesa do que pelo seu endereço individual.

Foi ela que teve a idea de que me annunciasses como — La bella lusitana — e esta designação galante ainda me acompanhou, pelo mundo fóra, até que me desfiz dela, ao ingressar na *tournee* de opereta franceza com artistas do Apolo de Paris dirigida pelo grande empresário Chataignié.

Rosário Pino, na sua vida particular, não tinha nada do que se costuma supor numa mulher de teatro.

Esposa amantissima, quando no seu lar aconchegado e feliz, esquecia-se de que era actriz. O seu trato era duma simplicidade que prendia.

Foi artista por vocação. Nas palestras que muitas vezes nos entretinham, contou-me a sua vida, que naquela paixão avassaladora pelo tablado se parecia com a minha. E, quando estávamos juntas no seu camarim, gostava que lhe repetisse a minha fuga de casa, porque achava imensa graça áquella partida da trouxa atirada ao mendigo que passava por baixo da minha janela, na manhã em que sai para o colégio e nunca mais voltei.

Ela ajudava-me a enfeitar para o meu número nos intervalos das peças, e uma vez coseu bocados de rendas nas cavas dum vestido meu, para não ofender a pudicícia da plateia, escondendo o que agora se mostra ou se rapa...

Muito deve ela ter ri-do quando por lá apareceram os primeiros nós artísticos...

Com o meu número de cançonetas e fados, figuravam no programa *La jaula del Loro* e *La victória del general*, onde Rosário Pino e Mariano Larra actuavam com um êxito estrondoso.

Depois das resenhas circunstanciadas dos periódicos, seria um pleonasmio insistir nas ovações que acompanharam Rosário Pino dentro e fóra de Espanha.

Quiz apenas render o preito da minha recordação à memória dessa grande alma de artista que tão bem soube acarinhar-me e animar-me, quando hesitante e assustada eu procurava trepar aos outeiros alcantilados da fama.



A grande actriz Rosário Pino no apogeu da sua carreira

Mercedes Blasco.

## As provas finais no Jardim-Escola João de Deus

**T**ERMINARAM a semana passada os trabalhos escolares no Jardim-Escola João de Deus — obra maravilhosa do grande educador sr. dr. João de Deus Ramos — com uma série de provas que oito dezenas de crianças prestaram na presença da encantadora velhinha, sr.<sup>a</sup> D. Guilhermina Battaglia Ramos, viuva do grande poeta e pedagogo João de Deus. Todos os anos, por esta época, essa bondosa figura de senhora, examina, sem auxílio sequer de óculos, as crianças que durante o ano frequentaram o Jardim-Escola. Presta assim homenagem à obra pedagógica do marido — que se fosse vivo teria 102 anos — e infunde respeito, não só às crianças como às professoras, que com tanto carinho tratam durante o ano aquele rancho de inocentes. Preside, por assim dizer, ao júri que examina as crianças. Constitue sempre



uma festa cheia de alegria o dia das provas finais.

O «exame» a que é sujeito o aluno, consta de: lêr um trecho ao acaso, fazer uma conta no quadro, ditado, cópia e um problema. Tem ainda que fazer no quadro um desenho, da sua invenção, assim como moldar um pedaço de barro. Também tem que apresentar um trabalho de colagem ou de rafia.



*Um aspecto da cantina durante a última refeição do ano escolar que findou*

*A sr.ª D. Guilhermina Battaglia Ramos, viuva de João de Deus, examinando uma das crianças que prestou provas*



*Os alunos do Jardim-Escola que prestaram provas este ano. Ao fundo vêem-se as professoras sr.ªs D. Maria Francisca Vargues (regente), D. Maria Amélia Amaral Bonito, D. Maria Emília de Figueiredo e D. Fernanda Ivone Neves*

uma festa encantadora e que dispoz bem quem a ela assistiu.

Este ano, prestaram provas, entre outros, os seguintes meninos:

Maria Manuela Freire, Palmira do Nascimento, Maria Isabel Capitão Sacramento Monteiro, Maria de Lourdes Torrão, Henrique Morato Vermelho, António Simões, Francisco Arrobas, Mário Fernando da Luz, António Nobre, Artur e Carlos Augusto Cirilo Machado (Santo Tirso), João Abel Manta, Fernando Paulino de Jesus, Alvaro Nuno de Andrade, José Freire, António e Alvaro Costa.

As raparigas, por seu lado, apresentaram coisas de costura.

Tudo foi feito dentro da maior disciplina e ordem. Tôda a pequenada exibiu o que sabia, como soube e lhe foi possível... Foi

O diplomata português dr. Lambertini Pinto, por muitos anos secretário da nossa legação junto do Quirinal, e que, à data da proclamação da República, foi investido nas elevadas funções de encarregado de negócios pela renúncia voluntária do então ministro na mesma legação, dr. Matias de Carvalho, apaixonou-se pela ideia de divulgar em Itália a nossa literatura dramática.

Na verdade, a ideia do dr. Lambertini Pinto, que faleceu ministro em Berlim, era e é muito louvável e oportuna, pois, como disse algures Almeida Garrett: — «a literatura de um povo reflecte o seu grau de civilização», conceito admirável do mestre de todos os escritores de teatro do último século e que o relatório antecedendo a criação da antiga Escola de Arte de Representar, decretada pelo



DR. LAMBERTINI PINTO

diplomata português, que foi secretário da nossa legação junto do Quirinal e que faleceu ministro de Portugal em Berlim

governo provisório da República, em 22-5-1911, recordou, afirmando ainda que «nada propaga tão eficazmente o conhecimento de um idioma como a sua literatura dramática».

Ao tempo, o moderno teatro português de declamação era apenas conhecido em Itália pela representação, com

êxito assinalado, da *Ceia dos Cardeais*, do ilustre académico sr. dr. Júlio Dantas, representação pela qual já se interessara o dr. Lambertini Pinto.

Contou-me êle que auxiliára, no trabalho da respectiva tradução, o brilhante poeta Diego Angeli, empenhado em que as belezas e a finissima intenção do original se não perdessem — e mais me contou que se arrelhiara imensamente quando, em certa cidade italiana, se lhe deparou um cartaz moral anunciando a *Ceia dos Cardeais* e chamando ao sr. dr. Júlio Dantas... espanhol! O seu patriotismo revoltou-se, protestando perante as autoridades competentes que providenciaram.

Em julho de 1911, encontrando-me já em Roma, o dr. Lambertini Pinto informou-me de que, emfim, as suas demoradas e atribuladas negociações para subir à cena uma «grande peça» do nosso teatro contemporâneo, estavam fechadas!

Escolhera *O Envelhecer* de Marcelino de Mesquita, obra consagrada, de fôlego e que, por não ter carácter regionalista, facilmente se adaptaria e triunfaria nos palcos italianos muito nacionalistas...

O dr. Lambertini Pinto cumpria assim — disse-me — não só o seu dever de português devotado, mas também — acrescentou-o de funcionário exemplar, citando-me o relatório da reforma do ministério dos negócios estrangeiros, decretada pelo sr. dr. Bernardino Machado, em 26 de maio de 1911, em que se consideravam atribuições indeclináveis dos diplomatas: — fazer conhecer o nosso país, Ora, Almeida Garrett já notára: «a literatura de um povo reflecte o seu grau de civilização», etc.

A tarefa de descobrir um tradutor à altura de *O Envelhecer* tornou-se árdua.

Após várias demarches, que reputo inútil aqui referir, conseguiu-se que uma senhora vertesse para italiano despretenhioso a peça, incumbindo-se do trabalho de a revêr e concluir o sr. Gaetano Campanille Mancini, categorizado redactor de *La Tribuna*, de Roma, escritor de *métier*

COMO SE REPRESENTOU

a linda peça de Marcelino

e com influência nos meios teatraes para obter de qualquer *primária compagnia* a aceitação de *O Envelhecer*, assegurando-lhe interpretação correcta, senão brilhante.

Após diversas tentativas junto das melhores companhias italianas (sempre desconfiadas do apregoado mérito da nossa literatura dramática, mérito ignorado quasi em absoluto) e de ser adiada sine die a representação de *L'Invecchiare* pelo editor teatral Cesar Castaldi, de Milão, o próprio dr. Campanille Mancini, desanimado, deixou cair no esquecimento a desvanecedora ideia, que o seduzira, de sujeitar á apreciação do grande público italiano uma das jóias incontestáveis da

Comunale Teatro ARGENTINA  
 DRAMMATICA COMPAGNIA DI ROMA  
 DIRETTORE ARTISTICO CAV. ERNESTO FERRERO

Sabato 22 Dicembre - ore 21  
 si rappresenterà

\*\*\*\*\*

**INVECCHIARE**

\*\*\*\*\*

Dramma in 3 atti di M. MESQUITA

**NUOVISSIMO**

— Personaggi —

Dottor Alfredo Martini — G. Brignone  
 Edoardo De Mello — E. Sabbatini  
 Dottor Giovanni Veiga — A. Magheri  
 Emanuele Avila — G. Gemmò  
 Luisa Martini — G. Chiantoni  
 Confessa Ottavia — D. Gemmò  
 Un servo — L. Conforti  
 Una oambriera — M. Orsolini

La scena è a Lisbona - Epoca presente

Tot. Anco 8000 - PIAZZI - Post. Bologna, 3,10  
 Palchi I ord. L. 10 - II ord. L. 15 - III ord. L. 8  
 IV ord. L. 5 V ord. L. 4  
 Poltrone L. 3 - Poltroncine L. 1 - Gall. IV ord. 0,75

TUTTO OLTRE L'INCONTRO

Ingresso L. 1,20 Loggiato c. 60

NON VI SONO POSTI IN FIANCO  
 Gli biglietti vengono al servizio (senza i giorni festivi) alla Cassa d'Opera

**Domenica 23 Dicembre**

**2 - Rappresentazioni - 2**

**DIVORZIAMO!** Commedia in 3 atti di Sardou  
 SERALE ore 21

**FIAMMATA** Dramma in 3 atti di Kleinsinger

Prospecto, distribuido pelas ruas de Roma, annunciando a primeira representação da peça «O Envelhecer» no «Comunale Teatro Argentina»

TEMPORE...

## NA CAPITAL ITALIANA

"O envelhecer"  
de Mesquita

da moderna literatura dramática nacional.

De resto, ainda era preciso vencer certa hostilidade encoberta, quasi sistemática, da *Società degli Autori*, contra as peças estrangeiras.

Aumentando-se da legação de Roma para a de Paris, para onde foi transferido, o dr. Lambertini Pinto pediu-me para não abandonar as *demarches* por êle iniciadas em Itália para a representação de *L'Invecchiare*.

O dr. Campanille procurava então entabular negociações com a insigne artista, bem nossa conhecida, Itália Vitaliani, que acabára por lhe prometer levar à cena *O Alcool*, de Bento Mantua, tradução cuidada do dr. Giuseppe Marchi, médico distinto, e ainda de *O desconhecido*, de Afonso Gaio. Itália Vitaliani mostrava-se entusiasmada com o ensejo de assim corresponder, modestamente, acrescentava, ao enternecido carinho com que o público português a recebera quando da *tournée* que, acompanhada de seu marido, realizara no nosso país. Mas o acariciado pro-



A actriz italiana Gianinna Chiantoni que interpretou o papel de «Luiza» na peça «O envelhecer»

jecto de Itália Vitaliani malogrôu-se, porque a sua companhia desorganizou-se.

Finalmente, na saudosa noite de 22 de dezembro de 1917, *L'Invecchiare* de Marcelino de Mesquita afrontou corajosamente a luz da ribalta no *Comunale Teatro Argentina*, de Roma, incumbindo-se da interpretação a *Drammatica Compagnia di Roma*, (*La Stabile*), da qual era *capo cômico o cavalière* Ernesto Ferrero, que distribuiu os principais papéis aos distintos artistas Sabbatini, que tomou o papel de Ernesto, e Gianinna Chiantoni, que tomou o de Luiza. O desempenho agradeu sem reservas.

Mas a peça?

Como se lê no prospecto que reproduzimos *O Envelhecer* figura como peça em três actos, quando, no original, tem quatro!

Como é que isto aconteceu? Na verdade, em Roma, a peça de Marcelino de Mesquita subiu à cena com... três actos.

A explicação, bastante curiosa, é a seguinte:

O dr. Lambertini Pinto lembrára-se, com grande infelicidade, de expurgar a peça de tôdas as alusões directas ou indirectas, que penson escandalisariam o o público italiano, convencido de que, assim, concorria para o ambicionado êxito de *L'Invecchiare*!

Mal orientado, sem prévia auctorisação o autor, forneceu o original aos traductores com as alterações que entendeu por conveniente introduzir-lhe.

Resultado: *L'Invecchiare* não agradeu! Caíu!

Os críticos da imprensa periódica romana, ao discutirem a sensacional *première*, acusaram o manifesto desequilíbrio das cenas, salientaram que à peça faltava *qualquer coisa* indispensável para a sua harmonia e sempre essencial a uma obra de teatro e até notaram que o diálogo era... *descosido*!

*Il Messaggero*, *Il Corriere d'Italia*, *La Tribuna*, *L'Osservatore Romano*, *Il Tempo*, *Il Giornale d'Italia*, *Il Fronte Interno*, etc., apesar do seu desejo de elogiar a peça, não resistiram a tentação de apontar-lhe deficiências que *L'Invecchiare* não possui no original; de declarar que não



Marcelino de Mesquita

perceberam determinadas *situações* e de observar que algumas passagens do diálogo... não vinham a propósito!

À *première* de *O Envelhecer* compareceu o ministro de Portugal em Roma, que era então o falecido dr. Eusebio Leão, acompanhado de todo o pessoal da legação, os raros portugueses residentes em Roma, grande número de diplomatas, aristocratas, senadores, deputados, escriptores — um público de *élite*.

Ao director da *Drammatica Compagnia di Roma*, o cavalière Ernesto Ferrero, foi oferecido um brinde que êle agradeceu com uma interessantíssima carta que em *fac-simile* não nos é possível reproduzir e aos restantes intérpretes lindos ramos com dedicatória.

Descoberta por mim a razão do fracasso de *L'Invecchiare*, os seus intérpretes tencionavam, com o meu concurso, repôr, em qualquer oportunidade, a peça tão imprevidentemente mutilada, mas a *Compagnia Stabile* desorganizou-se e tal oportunidade não se deu.

Marcelino de Mesquita nunca soube o que se passára, porque senão... os côrtes haviam de causar amargos de boca ao falecido dr. Lambertini Pinto.

Emídio Garcia.

# Um pavoroso incêndio num armazem de filmes mata duas pessoas e deixa feridas cêrca de vinte

CONSTITUIU um caso citadino o trágico incendio da Mãe d'Agua. Provocado pela explosão dum maçarico, ou por um pingo de chumbo derretido, causou duas mortes e feriu gravemente duas dezenas de pessoas. Destruiu completamente um prédio e fez grandes prejuizos em algumas propriedades vizinhas. Durante muitos dias foram ao local do sinistro alguns milhares de pessoas, que observaram as ruínas do armazem de filmes e dos prédios que o fogo devorou.

Após catorze horas de sofrimento morreu o infeliz chefe de publicidade da casa Castelo Lopes, sr. Alvaro Nunes Silva Sanches e no incendio, devorada pelas chamas, desapareceu o corpo da empregada Maria Amélia Cardoso, que deixou na orfandade um filhinho de quatro anos. Houve verdadeira romaria ao local do sinistro. De todos os bairros de Lisboa, ainda dos mais afastados, ali foram centenas de pessoas que estiveram a verificar os estragos do fogo. Foi necessário, no domingo,



*Um aspecto do incêndio*

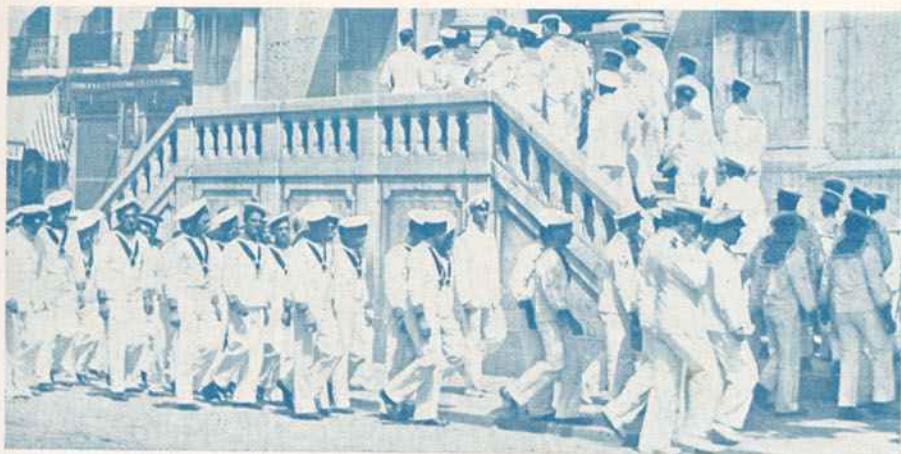


*O ataque pelo lado da rua da Alegria*

estabelecer um serviço de policiamento. Pelas ruínas, realmente, pôdem avaliar-se das proporções do incendio. Devido a ter-se encontrado, até hoje, unicamente uma mão da pobre empregada Maria Amélia nem a última homenagem lhe pode ser prestada. Segundo dizia um jornal, a família da empregada Maria Amélia Cardoso vai ter dificuldade em receber a pensão que lhe cabe, ao abrigo da lei de accidentes de trabalho. Para que o respectivo tribunal possa resolver nêsse sentido, necessita que lhe seja entregue a certidão do obito da vítima. Quem vai passar um documento dessa natureza, se o cadaver não aparece? E' necessário organizar um processo especial, para que o falecimento da pobre rapariga fique averbado na respectiva repartição do Registo Civil.

O pavoroso incendio foi o assunto de tôdas as conversas durante a semana passada. Segundo os bombeiros o incendio foi alimentado pela ventania, que fez redobrar de intensidade o fogo de momento a momento, lambendo paredes, penetrando pelas janelas e ameaçando destruir, em pouco tempo, um quarteirão. A acção dos bombeiros foi, como sempre, deligente e esforçada. No local estiveram todos os auto-tanques da corporação e quasi tôdas as escadas magyrus dos quarteis de Lisboa, trabalharam centenas de mangueiras que estavam ligadas aos lagos da praça do Rio de Janeiro, do Jardim Botânico e da praça da Alegria. O trabalho dos bombeiros foi heroico. Por vezes, deram um raro exemplo da sua competência e da sua valentia, lançando-se denodadamente ao fogo e se mais não fizeram foi porque mais não puderam. O armazem, que ardeu por completo, havia sido *atelier* do escultor Moreira Rato e mais tarde do pintor Alves Cardoso.

# A MARINHA ITALIANA EM LISBOA



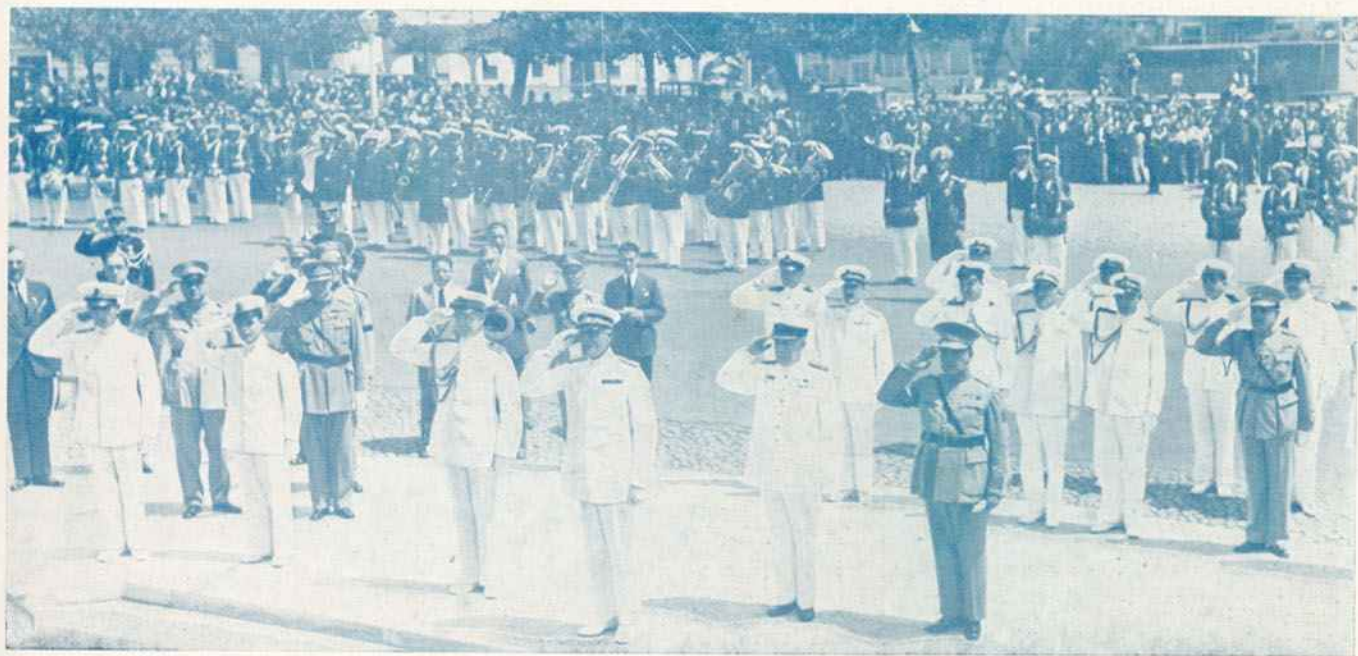
Na igreja do Loreto realizou-se uma missa a que assistiram 200 marinheiros desarmados e uma força armada de carabinas do navio-almirante da esquadra italiana. Foi celebrante o capelão da esquadra. Assistiram à cerimónia o ministro e o consul de Itália, comandante da esquadra, pessoal da legação e consulado, oficiais superiores da esquadra e representantes da Camara do Comercio de Itália, etc.



O almirante Burzagli, acompanhado do ministro de Itália, entrando na igreja do Loreto, afim de assistir à missa



As tripulações dos navios italianos, que estiveram no Tejo, foram depôr uma corôa no monumento aos mortos da Grande Guerra. A nossa gravura representa o desfile dos marinheiros, após a cerimonia



Após a colocação, no sopé do monumento aos Mortos da Grande Guerra, duma grande corôa de cravos vermelhos e folhas de loureiro, com fitas das cores italianas e pretas, onde se liam a letras de ouro, o nome dos quatro cruzadores que estiveram no Tejo, toda a oficialidade italiana e portuguesa que assistiu a cerimonia, se perfilou, enquanto as forças apresentavam armas. Findo o minuto de silêncio, a banda da marinha italiana executou a «Portuguesa» e a da armada tocou a marcha real italiana



## As últimas proezas da aviação

Aviação internacional tem atravessado nos últimos tempos um período de extraordinária actividade. Numerosos *raids* de importância foram tentados e alguns houve que viram coroados o esforço dispendido com a conquista de novos *records* mundiais.

Sob o ponto de vista aeronáutico e como manifestação evidente dos progressos realizados pela técnica da navegação aérea, o mais notável desses *raids* é, sem dúvida, o do William Post, que tripulando sozinho o seu avião «Winnie Mae» conseguiu bater o *record* mundial da volta ao Mundo pelos ares.

Esta ideia da circunnavegação aérea do Globo tem tentado diversos aviadores. Durante algum tempo o *record* da velocidade nesse enorme vôo pertenceu ao «Graf Zeppelin», o gigantesco dirigível do Dr. Eckner.

Ultimamente eram detentores do *record* os aviadores William Post e Harold Gatty que partindo da América do Norte, a bordo dum avião «Lockhead-Vega», em meados de 1931, conseguiram cobrir o percurso em 208 horas.

Mattern, corajoso aviador norte-americano, tentou recentemente conquistar esse *record* realizando sozinho o *raid*. Perseguiu-o, porém, uma má estrela. Depois duma tormentosa travessia do Atlântico atingiu as costas da Noruega, aterrando na pequena ilha de Jomfruland. Daí voou até Oslo e desta cidade a Moscovo. Até esse ponto e dando provas duma energia sobre-humana, conseguiu Mattern manter um animador resultado que permitia prever o seu êxito. Foi menos feliz na travessia da Sibéria. Uma fuga de gás obrigou-o a aterrar no percurso, quasi intoxicado. Este acidente abalou as suas energias físicas mas não a sua férrea vontade. Amigos dedicados aconselharam-lhe que não continuasse o vôo sem ter submetido o seu motor a uma rigorosa vistoria. Isso equivalia a desistir de conquistar o ambicionado *record*. Mattern não os atendeu. Lançou-se temerariamente, sobre as planícies geladas e desertas do Alasca e não mais houve notícias dele.

Com justas razões o consideraram perdido. Algumas expedições se começaram organizando com a morosidade inevitável tratando-se de paragens tão distantes. Até que um dia o telégrafo trouxe a notícia milagrosa: Mattern estava salvo, após uma odisséia que durou vinte dias, durante os quais errou faminto pelas inhóspitas planúrias que rodeiam o estreito de Behring.

Willy Post, ao preparar-se para bater sozinho o *record* que já lhe pertencia na companhia de Gatty, deve ter aproveitado os frutos desta cruel experiência. De facto, a circunstância de voar só acresce extraordinariamente as dificuldades do *raid*. As paragens no percurso estão reduzidas ao mínimo proporcionando ao avião um descanso insuficiente. Post resolveu o problema equipando o seu aparelho com um dispositivo de pilotagem automático, milagre de mecânica moderna que lhe permitiu repousar enquanto o avião se deslocava a uma velocidade de 250 quilómetros por hora, numa direcção prefixada.

A essa circunstância se deve, sobretudo, o seu êxito que é admirável. Post iniciou o seu *raid* com um surpreendente vôo de Nova York a Berlim. Essa imensa distância de 6000 quilómetros percorrendo-a o seu avião em 25 horas, a uma velocidade média de 240 quilómetros por hora. No mesmo dia levantou vôo com destino

a Moscovo, mas o mau tempo forçou-o a aterrar em Königsberg. Só no dia seguinte atingiu Moscovo donde partiu para Novosibirsk e desta localidade para Irkutsk. Ao tentar a etapa Irkutsk-Khabarovsk, de novo o mau tempo obrigou a uma aterragem não prevista no itinerário. Finalmente atingiu Khabarovsk donde levantou vôo para o Alasca. Ao aterrar em Flat, o avião capotou sofrendo ligeiras avarias. Chegou-se a crer que o *raid* estava irremediavelmente interrompido. Post conseguiu, porém, reparar as avarias e continuar o vôo com escalas em Fairbanks e Edmonton. Desta localidade partiu, por fim, para a última etapa, vindo aterrar em Nova York donde partiria pouco mais de sete dias antes.

Deste modo conseguiu Post apoderar-se dum duplo *record*. Primeiro, por ter realizado sozinho a extensa viagem. Segundo por ter batido por uma diferença de 22 horas o *record* anterior que era de 208 horas e que ele modificou para 186.

Outro empreendimento sensacional foi o da esquadilha aérea italiana que sob comando do general Balbo iniciou e está realizando um cruzeiro com término em Chicago.

Partindo de Orbetello a esquadilha, que se compunha de 25 aparelhos, voou até Amsterdão. Foi essa uma das etapas mais difíceis do cruzeiro e a que não se ligou, quere-nos parecer, a importância que merecia. De facto, logo após a saída de Orbetello os aviões de Balbo tiveram que elevar-se a cerca de 4000 metros de altitude, a fim-de transpor os Alpes e isto quando os depósitos de gasolina ainda se encontravam cheios. Deve também considerar-se que se tratava de hidro-aviões a que faltava nesta travessia o ponto de apoio que o mar, os lagos ou os rios representam em caso de avaria do motor.

A chegada a Amsterdão foi, como se sabe, assinalada por um trágico incidente. Um dos aviões da esquadilha capotou, ficando esta, portanto, reduzida a 24 aparelhos.

Daí por diante o vôo prosseguiu com maravilhosa regularidade. Sucessivamente os aparelhos tocaram em Londonderry, Reykjavik, (Islândia) Cartwright (Labrador) Shediac, Montreal e Chicago. A travessia do Atlântico, de Reykjavik a Cartwright, em especial foi atentamente seguida em todo o Mundo e constituiu um enorme êxito da aviação norte-americana.

Após a chegada a Chicago, a esquadilha iniciou a viagem de regresso tendo alcançado já a



EM CIMA: O itinerário da ida e do provável regresso da esquadilha aérea italiana. EM BAIXO: O general Balbo à sua chegada a Nova York





Willy Post no momento da sua aterragem no aerodromo de Berlim

Terra Nova, no momento de escrevermos este artigo, sem que esteja ainda fixado o itinerário do regresso que poderá ser feito pela Irlanda ou por Lisboa, com escala nos Açores, conforme as condições meteorológicas o aconselharem.

O vôo da esquadilha italiana é, sem dúvida, a mais ambiciosa tentativa dos últimos tempos em matéria de aviação. Com ela pretende a Itália fazer a sua propaganda e demonstrar a perfeita mobilidade duma verdadeira frota aérea de combate.

Uma outra tentativa audaciosa temos ainda a registar: a dos esposos Mollison que se propuseram realizar um vôo sem escala de Glasgow a Nova York. O seu aparelho, baptizado com o nome de «Seafarer», teve porém de lutar com desvantajosas condições atmosféricas que lhe retardaram a marcha. O vôo prolongou-se, assim, pelo espaço de 29 horas. Já sobre terra americana e como lhe faltasse gasolina, Mollison foi forçado a aterrar no aeródromo de Bridgeport, situada a pequena distância de Nova York. Exausto pelo tremendo esforço que dispendera durante a viagem, Mollison preparou mal a descida, do que resultou ir o avião cair sobre um terreno lodoso que confina com o campo de aterragem. James Mollison recebeu, em consequência do desastre diversos ferimentos, e sua mulher, Mollison, golpes sem gravidade na mão esquerda. Recolhidos ao hospital, prosseguiram viagem no dia imediato, desta vez num avião de passageiros, que os conduziu a Nova York onde foram justamente aclamados.

Apesar do incidente que pôs termo ao *raid*, a extraordinária proeza dos dois aviadores não foi de qualquer modo prejudicada. James Mollison é, de facto o primeiro homem que consegue realizar duas vezes a difícil travessia do Atlântico na direcção leste-oeste. E Amy Mollison a primeira mulher a participar de tão temerária empresa.

Para terminar, queremos deixar expresso o nosso preito de admiração pelos audaciosos aviadores que neste período de excepcional actividade da aviação mundial pagaram com a vida o seu arrojio.

Dois deles são os espanhóis Barberan e Collar. Tripulando o avião «Cuatro Vientos», totalmente construído em Espanha e que honra a indústria do país vizinho, estes aviadores levantaram vôo de Madrid com destino a Cuba e ao México. A primeira etapa, duma espantosa extensão, tinha por objectivo Havana. A

falta de gasolina obrigou-os, porém, a aterrar em Camaguey, na ilha de Cuba, a pequena distância de Havana, depois de realizarem uma das mais assombrosas travessias do Atlântico. No momento de descerem em Camaguey verificou-se que os tanques do avião não continham mais de 10 litros de gasolina.

Barberan e Collar realizaram, em seguida, o



Post junto do avião em que realizou a volta ao Mundo

curto vôo até Havana e daí partiram com destino ao México. Ao sobrevoarem a Guatemala deixou de haver notícias deles. Todos os esforços foram tentados para os salvar. Supôs-se que



EM CIMA: Os aviadores lituanos que intentaram a travessia Nova York-Kovno e caíram numa floresta alemã. EM BAIXO: Os destroços do aparelho



Grupo dos aviadores que compõem a esquadilha comandada por Balbo

tivessem caído nas selvas impenetráveis da região, ainda deficientemente exploradas, e durante largo tempo dezenas de aviadores e milhares de soldados procuraram encontrar-lhes o rasto. Mais duma vez a notícia de ter sido achado o seu paradeiro correu Mundo, logo seguida dum cruel desmentido. Até que certo dia o mar arrojou à costa uma roda do avião, testemunho inerte da ignorada tragédia em que os bravos aviadores perderam a vida.

Mas há ainda quem mantenha uma última e desesperada esperança. E por isso uma missão tentou ainda há pouco explorar as brenhas impenetráveis que rodeiam o vulcão de San Martín, onde alguém afirmava ter avistado a grande distancia os restos dum avião. A selva porém resistiu aos esforços dos seus devassadores, guardando ciosa, o seu segredo.

Emocionante é também o dramático acidente que rematou o vôo dos aviadores lituanos Stephan Darius e Stanley Girenas.

Inesperadamente, partiam ambos de Nova York a bordo do «Lituanica» com destino a Kovno, capital da sua pátria. No dia seguinte o avião era encontrado feito em destroços numa floresta alemã, perto de Stättin. Talvez porque lhes faltasse gasolina para prosseguir o vôo, os dois aviadores que já haviam cruzado o Atlântico pretendiam fazer uma aterragem. E' possível que, à luz difusa do crepúsculo o copado das árvores se lhes afigurasse campo propício. O certo é que o aparelho foi embater com as árvores ficando destruído e sofrendo os infelizes aviadores morte imediata.

Noticiaram há dias os jornais um pequeno facto que veio recordar o vôo trágico dos heróicos aviadores lituanos. Para evitar todo o péso inutil,

o «Lituanica» não possuía a bordo aparelho de T. S. F. Afim de dar notícias suas, os dois aviadores, lançaram para terra, a passagem sobre a Terra Nova, um saco contendo uma pequena mensagem que dizia apenas da sua esperança de triunfar da prova. Só agora, porém, a mensagem foi encontrada, como um último brado dos infelizes aviadores.

Apesar de tantos acidentes trágicos, o Homem não desiste contudo de dominar o Espaço e vencer o Tempo. A aviação progride de modo fulminante. Os grandes empreendimentos sucedem-se, sempre mais audazes uns do que outros. E breve chegará o tempo em que o Mundo será estreito para a temeridade humana.

Luiz Rodrigues.



— Porque não deixas o chapéu de chuva no bengaleiro?  
 — É cá por causa duma coisa.  
 — Tens medo que o roubem?  
 — Não, tenho medo que o reconheçam.

— Quanto custa a pensão neste hotel?  
 — Quarenta mil réis.  
 — E não fazem nenhuma concessão aos artistas?  
 — Sim senhor, recebemos adiantado.

— Emprestas-me vinte escudos?  
 — Nem cinco réis. Tu, para mim morreste.  
 — Então, dá-me alguma coisa para a ajuda do enterro.

— Então, você não viu que a carteira não era sua?  
 — Vi, sim senhor. Mas as notas que tinha dentro são iguais a muitas que eu já tenho tido...

*O medico* — Peço-lhe o favor de me pagar, hoje mesmo, a minha conta.

*O doente* — Mas o doutor que sempre tem recebido no fim do ano porque é que tem agora tanta urgência do dinheiro?

*O medico* — Porque não gosto discutir com os herdeiros.

D. Sebastião foi assistir a umas corridas pedestres e vendo que os aguasis estavam formados, perguntou:

— Porque é que os aguasis não entram na corrida?

— É que os aguasis só correm atrás dos ladrões.

— Então, que corram uns atrás dos outros.

O criado vem correndo com um frango num prato. Nisto o frango cai ao chão.

— Ai, que lá fiquei sem o frango, diz o amo.

— Não tenha medo patrão, que êle não foge. Já lhe puz o pé em cima.

— Deve dizer-se dê-me *de* beber, ou dê-me *que* beber?

— Como és muito burro deves dizer: Leve-me a beber.

*O músico* — Que lhe pareceu a minha "abertura"?

*O crítico* — Muito inspirada...

*O músico (atalhando)* — Obrigado.

*O crítico* — Muito inspirada nas obras dos outros.

— Póde dar-me um exemplo de triple acção reflexa?

— Sim senhor. Uma pessoa acordar, parar o despertador e voltar a adormecer.

— Dizem que houve, um dia, um homem que trocou a mulher por um cavalo. Tu, meu maridinho, serias capaz de fazer uma coisa dessas?

— Não. Por ti, minha filha, o mais que me podiam dar era uma bicicleta.

Há pessoas a quem sai tudo errado. O meu merceiro pôs um anuncio dizendo.

«Precisa-se um rapaz».

No dia seguinte a mulher teve uma menina.

*Na policia:*

— E porque deu o seu nome errado?

— Porque ando a roubar incógnito.

— Ó mamã, o gato comeu a alpista do canário.

— Não diga tolices! Os gatos não comem alpista!

— Mas é que a alpista estava dentro do canário!...

*O professor* — Porque se diz que o latim é a língua da mãe?

*O aluno* — Porque o pai, mesmo que queira falar, a mãe não deixa.

— Eu desejava que a Companhia me aumentasse o ordenado, visto eu ter casado.

— A Companhia não é responsável pelos accidentes que ocorrem fóra das oficinas.

— O cavalheiro é que é o dentista que tira dentes sem dôr?

— Sim, senhor, ao princípio custava-me muito, agora já me vou acostumando.

*Na drogaria:*

— Dê-me mais meio kilo de bolas de naftalina, porque as que me vendeu ontem não deram resultado.

— Pois eu com elas, tenho morto toda a traça, em minha casa.

— É que o meu amigo tem melhor pontaria do que eu!

— Porque é que seu irmão penúltimo tem os dedos todos torcidos?

— Porque é surdo mudo e fala sete línguas por gestos...

— Vi ontem dois judeus que iam perdidos de bebados.

— Como sabes tu que eram judeus e que iam embriagados?

— Porque um atirava com moedas de dez escudos para o chão e o outro apanhava-as e restituí-as.

*No tribunal:*

*O juiz* — E esperou a noite para matar sua mulher...

*O réu* — O senhor juiz não tem ouvido dizer que a noite é boa conselheira?...

— Porque estás tu a chorar pequeno?

— É que não tenho pai nem mãe e se fôr para casa com menos de dois mil réis êles desancam-me.

*O pescador* — Lino Ferreira.

## O banquete de homenagem a Alexandre Ferreira

A volta de Alexandre Ferreira — figura prestigiosa no meio mutualista português — grande paladino da instrução popular — sentaram-se no domingo 16 do mês passado, cerca de 500 pessoas. O banquete, que se realizou na vasta sala do Jardim-Cinema, foi presidido pelo sr. Sebastião Mestre dos Santos, antigo comerciante e devoto mutualista. À sua direita estavam: o homenageado, o sr. dr. Lima Bastos, antigo ministro; o menino Raul José Lopes Pelágio, neto do sr. Alexandre Ferreira; srs. dr. Costa Santos, antigo presidente do Município; José de Carvalho, dr. Ramon de la Fera, Carlos de Oliveira, representante do *Século*, da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados de Comércio e Indústria e do sr. José Maria Pereira; e dr. José Fontes, do «Comité» Olímpico português. À esquerda estavam os srs. José Maria Alvares, pela Associação Industrial de Lisboa, dr. Alfredo Guisado, antigo vereador, e Abel de Sousa Seabra, da Associação de Lojistas de Lisboa. Em frente, ocupava o lugar de destaque a sr.<sup>a</sup> D. Laura Ferreira Pelágio, nina do sr. Alexandre Ferreira, que dava a sua direita aos srs. Filipe Mendes e João de Deus Ramos, e, à esquerda, aos srs. dr. Humberto Araújo, Mateus Aparício e António Cardoso. A mesa reservada aos jornalistas era presidida pelo nosso chefe da redacção, sr. Alvaro de Andrade, como representante da direcção do Sindicato dos Profissionais de Imprensa, da qual é vice-presidente.

Em seguida à leitura do expediente — onde figuravam centenas de telegramas e cartas — falou o sr. Sebastião Mestre dos Santos. Começou por dizer:

— Determinou a comissão organizadora do presente banquete, que fôsse eu o seu presidente, porquanto, velho comerciante, pois já vou nos 75 anos e trabalho desde os 12, acompanho com verdadeiro eternecimento a obra de solidariedade imaginada, criada e desenvolvida pelo sr. Ale-

xandre Ferreira — só estes motivos justificariam a minha presença neste lugar.

Depois de elogiar a obra realizada pelo homenageado, obra que deu origem ao banquete, agradeceu a todos os presentes e às colectividades a sua comparação que deram brilho à festa, a que Alexandre Ferreira tinha direito, razão porque lhe desejam muita saúde e longa vida.

Falaram a seguir os srs. Carvalho da Fonseca, pela comissão organizadora; Carlos de Oliveira, em nome da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados do Comércio e Indústria, e do «Século», dr. Basílio Pereira, como representante da Confederação das Escolas Livres; dr. José Fontes, em nome do «Comité Olímpico», dr. Alfredo Guisado, como colega na vereação de que fez parte o homenageado; José Maria Alvares, como representante da Associação Industrial; Felix Bermudes pelo Ginásio Club; Mateus de Barros, dr. Herlander Ribeiro em nome da Associação de Socorros Mútuos na Inhabilitade; Abel Seabra pela Associação de Lojistas de Lisboa; Luís Ferreira, pelo Centro Magalhães Lima; Alberto Osório, pelos admiradores do Porto e dr. Filipe Mendes, antigo governador civil.

Por fim, Alexandre Ferreira, comovido, contendo soluços, afirmou que todos os seus amigos, todos os presentes que de perto o conhecem, sabem como é sincera a grata emoção que,



Um aspecto da mesa de honra

naquele momento — o melhor da sua vida — o perturba. Entre os vários sentimentos que se entrecrocaram no seu coração — continuou — o de gratidão saiu victorioso; por isso queria poder repartir em retalhos esse órgão da vida para o dar a todos que se associaram àquela homenagem, que procurou se não fizesse.

Proseguiu nestes termos:

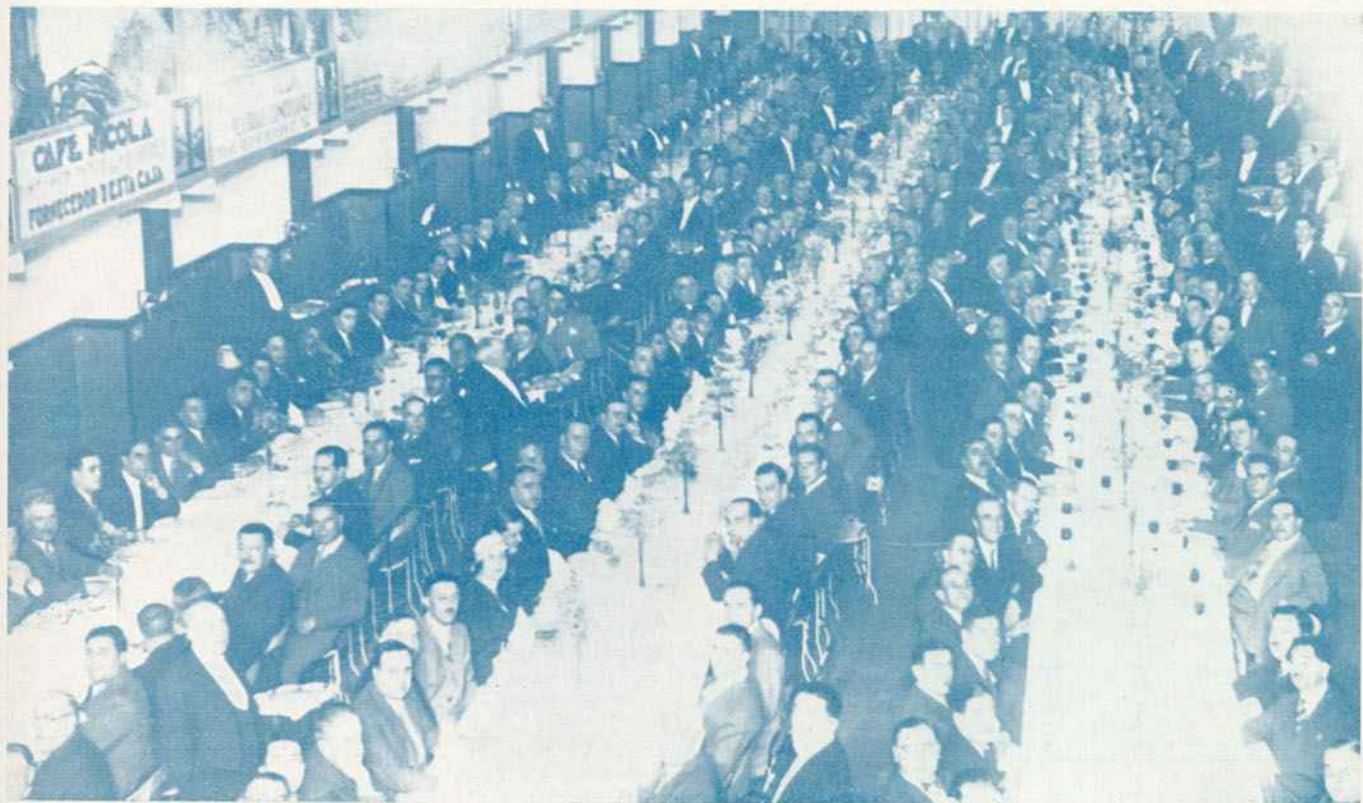
— Existir não é viver, porque a vida, para ser vida, implica uma luta nobre, por um ideal sublime e o homem só pode ser respeitado desde que viva! Não quero o homem lobo do homem e eu — que sou contra todos os extremos em matéria política — quero o homem, irmão do homem.

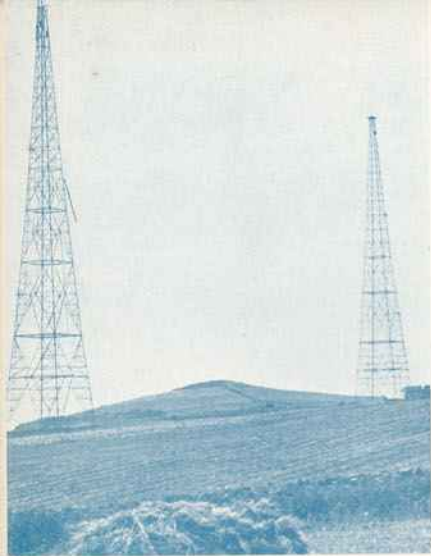
Falou — contra o hábito, disse — um pouco de si e citou a sua obra em prol da criança.

E acrescentou:

— Sei o que tenho feito, conheço a minha obra. A ela nada mais posso dar, além do coração, mas esse dou-o plenamente, sem desânimo.

Terminou com palavras de reconhecimento e de gratidão que ia até às lágrimas.





As duas torres metálicas da nova Emissora

versão que distribua música nos domicílios. É alguma coisa mais do que isso porque é a voz dum povo, voz que se ergue por sobre as fronteiras, que se espalha pelo Mundo, que vai lembrar aos outros povos um país que existe, um núcleo da colectividade que vive e luta.

Assim o compreenderam todas as nações que tem acarinhado a T. S. F. facultando-lhe os meios de cumprir a sua importante missão.

Entre nós, o Estado não se interessava, até há algum tempo, pela importante questão da radiotelefonía. Tudo o que existia era obra de alguns amadores que à custa de pesados sacrifícios preparavam o terreno a realizações mais vastas e que iam fazendo correr Mundo uma voz que, embora débil, sempre definia a nossa posição no mapa da Europa.

E contudo, as vantagens — ou melhor, as necessidades — duma emissão nacional foram sempre evidentes. A nossa situação de país colonial, com domínios espalhados pelos quatro cantos do globo, a disseminação da raça lusitana, levada a todos os continentes pelo seu espírito de aventura impunham-nos o dever de ligar por esse fio imponderável que é a T. S. F. todos os territórios e todos os espíritos que nos pertencem.

Tão evidente era esta necessidade que um dia o Estado dela se apercebeu para lhe dar remédio. É assim que a Emissora Nacional, a quem compete o importante

encargo de afirmar no eter a nossa consciência, está a caminho de se tornar uma bela realidade.

Quem hoje chegar ao Alto de Valejas ou do Pai-Mão, al perto de Barcarena, logo depara com duas altas torres de ferro que dominam o descampado em redor. São elas que suportarão as antenas da futura Emissora instalada num edificio, de dois andares que ali perto se acaba de construir e que a altura descomunal das torres nos faz parecer minúsculo.

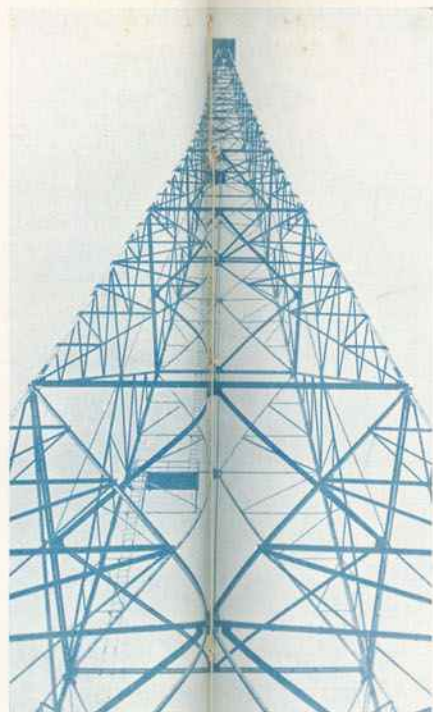
Medem cerca de 108 metros de altura as duas torres e separa-as uma distância de

## A EMISSORA NACIONAL ficará concluída ainda no decurso do ano corrente

200 metros. Entre uma e outra está sendo espalhado o cabo subterrâneo que estabelecerá a ligação à terra. Dêste cabo central partem outros divergentes, representando um total de noventa e sete quilómetros de fio que asseguram o necessário contacto com o solo.

As torres enormes repousam as suas quarenta toneladas de metal sobre gigantescos isoladores de porcelana. A sua construção representa o esforço de dezasseis operários portugueses durante quatro meses — e constitui, portanto, um resultado técnico notável. Com admirável poder de adaptação, os nossos operários depressa se iniciaram na difícil construção desses monumentais prismas metálicos que se erguem para o céu com vertiginoso ímpeto.

O projecto das instalações da Emissora, que ali perto se constrói, é da autoria do architecto Américo Pinto. Foi confiada à Direcção Geral dos Mo-



numentos e Edifícios Nacionais a sua construção. Compreende dois pavimentos. No primeiro ficarão instalados os maquinismos, geradores de corrente, etc. No segundo, os aparelhos emissores — um de ondas médias e outro de ondas curtas.

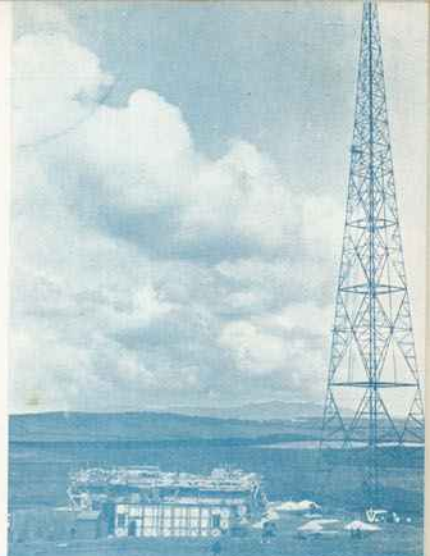
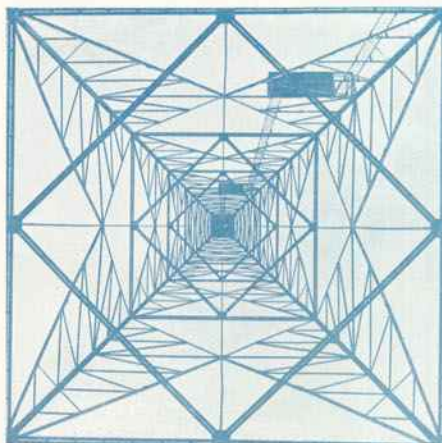
A emissora de ondas médias terá uma potência de antena de vinte quilovoltios e funciona com ondas de 453,2 metros de comprimento. Destina-se às emissões para Portugal e resto da Europa. Poderá ser ouvido em Inglaterra, França, Europa Central, e até mesmo, dada a nossa excepcional posição geográfica, na Amé-

situado em Lisboa, em dois pavilhões anexos ao Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Vai começar em breve a adaptação desses pavilhões ao fim a que agora se destinam. Um cabo medindo cerca de quinze quilómetros ligará este estúdio à estação emissora. Esse cabo, que será em parte subterrâneo, acompanhará na maior parte do seu percurso o aqueduto das Aguas Livres.

Diversos motivos, sempre impossíveis de evitar nestes casos, fizeram dilatar a data da inauguração da futura Emissora Nacional, que fôra primitivamente fixada para 5 de Outubro do ano corrente. Espera-se, contudo, caso não sobrevenham contratempos, que a estação esteja pronta a funcionar no fim do ano.

Por intermédio da Emissora Nacional vai ficar o nosso país habilitado a juntar a sua voz no concerto universal. Assegurado assim, de modo tão consolador, o nosso lugar no eter, resta aproveitá-lo no sentido mais proveitoso no fim que se teve em vista. A escolha de programas e a orientação artística da nova estação assume desta maneira uma importância capital. É indispensável que as emissões tenham acentuado cunho português, sem deixarem, por isso, de serem artisticamente elevadas.

Para a realização desta parte do plano de criação duma radiodifusão nacional, impõe-se, portanto, um gesto seguro e uma justa compreensão do problema.



Um aspecto do edificio que está em construção

Estamos certos de que não deixará de se encontrar a sua resolução satisfatória.

Para terminar queremos deixar aqui registados os nomes dos que a tão importante obra tem dedicado um notável esforço. Em primeiro lugar o engenheiro David Pires, director dos Serviços Radio-Eléctricos dos Correios e Telégrafos, que muito contribuiu para que a ideia da Emissora Nacional se transformasse numa útil realidade. E a seguir, como seu colaborador dedicado, o engenheiro Manuel de Bivar, que ao serviço da inieliativa tem pôsto todo o seu entusiasmo.

Antes do fim do ano, como dissemos, a nova Emissora Nacional estará pronta a funcionar. Portugal poderá, então, lançar no espaço a sua voz, comunicar com os irmãos de raça dispersos pelo Mundo. E a sua voz será ouvida porque, graças aos técnicos portugueses e à boa vontade do Estado, a Emissora Nacional ficará sendo a mais potente da Península e com direito a figurar entre as melhores da Europa.

Curioso aspecto duma das torres vista da base

De todas as maravilhas da ciência moderna, a que melhor define a nossa época — talvez mesmo a que maior influência nela tem exercido — é, sem dúvida a T. S. F. O que essa prodigiosa invenção representa de possibilidades extraordinárias tem sido escrito vezes sem conta. Por ela os sons viajam pelo espaço, as vozes e a música galgam oceanos e transpõem continentes e uma misteriosa ligação vai prendendo uns aos outros povos afastados, raças que se desconhecem. O explorador isolado nas solidões do polo, o aviador perdido nas regiões desertas têm na T. S. F. o elo invisível que os liga ao resto da humanidade. E à lista interminável dos que devem a vida a um radiograma lançado em momento de perigo e angústia, todos os dias há novos nomes, novos milagres, a acrescentar.

Nesta admirável invenção de múltiplos aspectos, um há que sobrepõe a sua importância — o valor social da T. S. F.

Uma emissora radiotelefónica não é apenas um invento engenhoso nem uma nova forma de di-



Uma inesperada perspectiva a 100 metros de altura



A equipa portuguesa que participou da Volta a Pontevedra

A participação dos ciclistas portugueses na Volta à Província de Pontevedra, revestindo a importância de um verdadeiro batismo internacional, merece ser considerada importante manifestação de actividade desportiva nacional no decurso da quinzena que findou. O facto tem sido apreciado das maneiras mais diferentes, sujeito a maioria das vezes ao impulso da paixão ou da maliciância que abafa o sentido analítico da justiça e da razão.

Quási a totalidade do público desportivo sentiu funda desilusão com o fracasso de classificações dos nossos ciclistas; ajuizava-se erradamente o valor dos espanhóis, menosprezando-o, e também erradamente se ajuizava o valor dos portugueses, exagerando-o à base argumentos que falavam na mudança de situação comparativa.

É possível que numa prova de cem quilómetros, corrida contra relógio e partidos isolados, os tempos finais dos portugueses se aproximassem dos espanhóis porque em esforço puro atlético podem tender para o equilíbrio; mas sempre que a competição seja em linha, intervindo no resultado o factor tático e de conhecimentos de corrida, a desnivelção assentou-se em nosso prejuízo. Os portugueses, desconhecedores de ardis e subtilidades, dispõem generosamente a sua energia de princípio a fim, enquanto os adversários, raposas velhas e sabidas, poupam a sua desbarando a dêles.

Acrescentemos que em todas as considerações partimos do princípio de uma igualdade de apetrechamento que, agora na Galiza, se não verificou. As máquinas usadas pelos ciclistas lusitanos representavam pelo peso e antiquada montagem um pesado handicap, bastante para os relegar dos primeiros postos da classificação. A falta do aparelho para mudança de multiplicação em marcha, foi o factor decisivo do desbarato da equipe portuguesa.

Podem aqueles que habitualmente usam da tesoura afiada sobre o trabalho alheio, proclamar o que lhes apeteça, fazendo alarde do seu desconhecimento de causa; a verdade inalterável, aquela que o tempo se encarregará de confirmar é que este primeiro contacto internacional foi dum enorme alcance para o futuro do ciclismo português e, longe de representar um descalabro, foi uma desilusão talvez, mas um honroso batismo de fogo.

Se Nicolau tem feito a sua prova normal, teríamos logicamente tido dois homens classificados nos dez primeiros e batendo corredores de cotação firmada, como Cepeda, Figueras ou Ciprian Ferrer.

Parece-nos que, se os insucessos internacionais fossem motivo para cessar actividades, já de há muito o nosso football teria recolhido ao cortiço. É lutando contra os melhores que se aprende e busca o aperfeiçoamento. A derrota deve ser um excitante para novos esforços.

A tentativa de agora precisa ter uma conti-

A QUINZENA

## Os ciclistas na "I Volta"

nuidade lógica, já melhor encaminhada, porque partiremos com conhecimentos de experiência.

É indispensável trazer às mais importantes provas nacionais, como a Volta a Portugal e o Porto-Lisboa, corredores estrangeiros, colocando os portugueses em idênticas condições mecânicas, aperfeiçoando-os com este contacto e criando para o desporto da bicicleta um novo incentivo e um novo agente de interesse público. Tal é a conclusão mais lógica da participação portuguesa na Volta a Pontevedra.

Alfredo Trindade foi, a muita distância, o melhor representante português e o único que



Os portugueses a cabeça do pelotão

alcançou resultados brilhantes. Aos seus companheiros faltaram possibilidades físicas a uma energia moral a outros.

O pequeno vencedor da última Volta a Portugal, defendeu com galhardia a sua posição, conseguindo na primeira jornada um autêntico triunfo, infelizmente não tão brilhante como merecia porque a adversidade o perseguiu.

Mantendo-se constantemente no pelotão da cabeça, Trindade o primeiro a responder, com o asturiano Meana, ao arranco decisivo de Luciano Montero à entrada de Tui. Ao sair da cidade levavam já 27 segundos de avanço sobre o pelotão, onde vinha ainda Nicolau.

À passagem por Porriño, 15 quilómetros mais adiante, cinco homens seguem destacados e entre eles continua Trindade. O atraso de Nicolau subiu para cerca de dois minutos, tendo perdido contacto com o segundo pelotão.

Começa a partir desse ponto a escalada, primeiro na ladeira de Confurjo até Puenteareas, depois na difícil serra de Fuentefria, que nos fez recordar a subida da Estréla, talvez esta mais severa embora menos extensa. Ao quarenta e cinco quilómetros difficilimos e que vão consagrar o valor do nosso Trindade.

Com o esforço duro da longa rampa, os ho-



Trindade, do qual apenas se vê um braço, escapa-se em Tui, com Montero e Meana

## DESPORTIVA

portugueses  
a Pontevedra

mens separaram-se e o nosso carro, que ficara para trás vai passando um a um os retardatários. Quasi no alto da serra atingimos os primeiros e com orgulho encontramos entre eles o minúsculo português. No cimo passa à frente Montero que nesse momento preciso pára a reparar um furo; uns cinquenta metros atrás vem Ezquerria, e mais trinta depois, Trindade.

Para encetar a descida, perigosíssima, em curvas apertadas, os espanhóis mudam de multiplicador avantajando-se consideravelmente sobre o português que se fatiga pedalando a muito maior velocidade para avançar menos.



Trindade fotografado ao lado do nosso consul em Vigo

No entanto, em Alamosa, povoação a uns vinte e cinco quilómetros do termo da etapa, registámos com o cronómetro os intervalos de passagem dos quatro primeiros: Esquerria à cabeça, Trindade a 40 segundos, Cardona a 2 minutos e 10 segundos, Luciano Montero a 2 minutos e 40 segundos.

Mais abaixo Trindade vai dar uma queda formidável, ficando bastante ferido em toda a perna esquerda, perdendo assim grande parte da vantagem que alcançara pela força dos seus músculos. Relegado ao chegar a Ribadavia, para o quarto lugar, um brilhantíssimo quarto lugar, via-se batido por Esquerria a 3 minutos e 48 segundos, Montero a 3 minutos e 12 segundos e Cardona a 46 segundos. Pode-se assim afirmar que, sem o precalce sofrido Trindade concluiria em 3.<sup>o</sup> posição a primeira jornada da da Volta a Pontevedra, 161 quilómetros de perfil acidentado e que decidiram da sorte final da prova.

Sem mais referências, omitindo tudo o mais em que houve muito de bom, - desde a persistência de um Prudêncio Carneiro, inferiorizado por ferimentos, à coragem indomável de João Francisco, ou ao esforço, bem digno de melhor sina, de Trindade na etapa final - , basta



A paisagem galega enquadra de beleza o esforço dos ciclistas

esta proeza admirável de um dos melhores campeões portugueses para justificar a sua presença na Galiza, incitando-os a novos cometimentos.

\*\*\*

Dentro de escassos dias, os ciclistas partirão para uma longa estrada de 2.500 quilómetros à roda de Portugal, e cujas peripécias essenciais relataremos na «Ilustração», já que nos é dado acompanhá-los.

Mais apressados, os azes franceses, italianos, belgas, alemães e suíços, concluíram há uma semana o seu giro de um mês em volta da França.

A prova deste ano, que despertou um interesse ainda maior que nos anos anteriores, foi

particularmente dura, obrigando os concorrentes a esforços tais, que metade deles baqueou pelo caminho.

A luta, indecisa até final, resolveu-se favoravelmente para o francês Speicher, um novo cheio de qualidades atléticas, o qual encontrou nos italianos Guerra e Martano, nos belgas Lemaire e Aerts, no seu compatriota Archambaud, os mais difíceis adversários.

Este último foi detentor da camisola amarela, símbolo do primeiro classificado, durante a metade inicial do percurso, sucumbindo ao excesso dos esforços dispendidos.

A classificação final está longe de representar o que os prognósticos afirmavam, e alguns dos favoritos desludi-

ram por completo, enquanto conquista a vitória um homem com o qual ninguém contava.

Uma das maiores revelações desta volta foi o espanhol Trueba, já considerado um escalador de classe, mas que agora bateu todos os competidores e no final alcançou uma brilhante classificação de sexto.

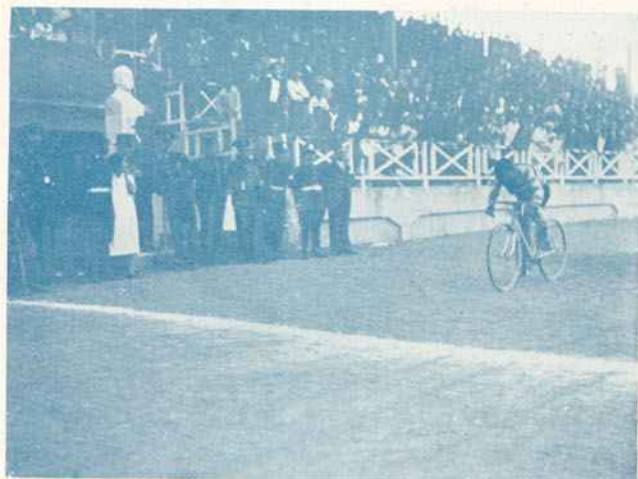
O resultado desta proeza deve ser a inclusão no ano proximo de uma equipa nacional espanhola entre os que participarão da prova, o que representa um elemento de progresso valioso para o ciclismo do país vizinho.

\*\*\*

Alexandre Black, campeão de Portugal motociclista e glorioso vencedor das mais importantes provas da especialidade, alcançou em Espanha um belo triunfo, muito lisonjeiro para o motorismo português, vencendo em absoluto no circuito de Guadalajara, disputado nos arredores de Madrid. Black não só precedeu todos os seus adversários, como percorreu os 457 quilómetros do circuito em 5 horas, 3 minutos, 13 segundos e  $\frac{3}{5}$ , com a velocidade média de 90,450 quilómetros horários, batendo o record precedente.

Para mais completa satisfação do nosso orgulho, um outro português, Jorge Teixeira, classificou-se em segundo lugar.

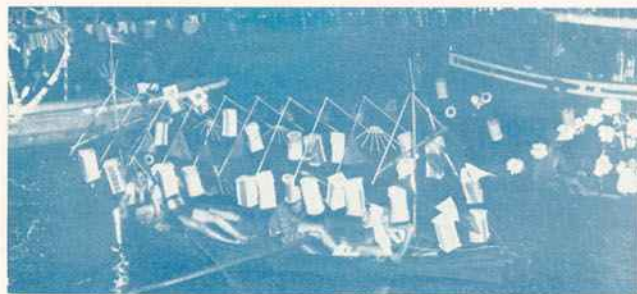
Salazar Carreira.



O valoroso corredor Trindade corta a meta, em sétimo lugar, na etapa final



Durante as festas do «Mês da Cidade» foram inúmeras as diversões populares no Rio de Janeiro. Entre elas, figura um grupo de artistas típicos do norte do Brasil, que representam e cantam



Revestiu-se, com grande brilhantismo a «Festa Veneziana» realizada na capital fluminense durante o «Mês da Cidade», efetuada por iniciativa do grande jornal sepietino «A Noite».



Através do Rio de Janeiro milhares de turistas as festas populares vestidas no mês de Junho. Um dos bailes ao ar livre, juntos num local, profundamente iluminado, mais de 3000 pessoas.

# O que vai pelo Brasil

## O «Mês da Cidade»



A dita sociedade carioca associou-se às Festas da Cidade tendo organizado um «Grande Baile do Primeiro Inverno» que se realizou no «Copaubana Palace Hotel».



Na Avenida a Beira-mar houve lindíssimos fogos de artifício, os arvores foram iluminadas de clarividas incandescências coloridas, o que lhes deu um suberbo aspecto.

## Aspectos gráficos



Um espetáculo no americano — O esporte no Brasil está se desenvolvendo. O atletismo, então, continua sendo a paixão da multidão. No dia 16 de Junho, o atleta Lucio de Castro — com 30 anos apenas — atingiu um salto de mais quatro metros e dez centímetros. É um verdadeiro «ecce homo». Lucio de Castro conseguiu dar esse salto quatro vezes seguidas. Entre nos o melhor saltador do Rio não sequer atinge de longe os quatro metros... Nos próximos Jogos Olímpicos — realizados em Los Angeles em Fevereiro do ano próximo — possui muita esperança. Lucio de Castro é um favorito concorrente nas próximas Olimpíadas. O Brasil vai marcar neste certamen mundial um lugar de destaque. Está começando desde já a preparar os seus atletas. Quando se fará o mesmo entre nós?



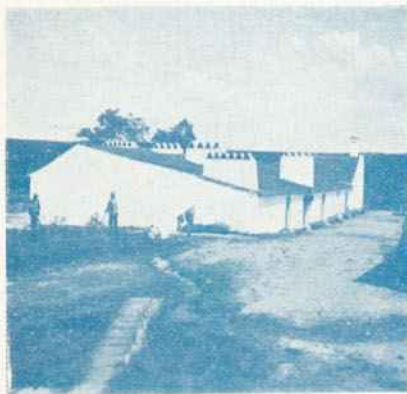
O «S. Paulo» visto do ar — O grande desenvolvimento brasileiro «S. Paulo» celebra sua festa nacional realizada em Junho. A enorme mostra nos a guarnição formada na Itália, vista a trezentos metros de altura... O «S. Paulo» em Junho e sua das mais importantes unidades da marinha de guerra do Brasil e do seu estado por várias vezes em 1900, nos dias que durante um movimento revolucionário ocorreram em Lisboa, tendo sido ali um papel importante neste acontecimento. A fotografia que publicamos foi tirada de bordo dum avião.



A desenvolvimento na América do Sul — Há cinquenta anos — fez no dia 14 de Junho — que se inaugurou a luz eléctrica pública na cidade de Campos, do Estado do Rio. Foi a primeira terra da América do Sul, que após a descoberta de Edison — cinco anos antes — que começou a fabricar. A gravura representa a geradora de há cinquenta anos.



Gravura comemorativa com a Legião de Honra. À esquerda: o general Hanjäger, chefe da Missão, concedendo ao dos generais, e à direita: o embaixador da França no Rio de Janeiro, tendo o seu discurso depois do acto da condecoração.



UM rápido passeio de automóvel até à via da Chamusca por entre horizontes extensos todos vestidos de verde pulcro, deu-nos pretexto para conhecermos a grandeza e a extensão da herdade da Perna Sêca que José Rovisco Pais deixou em legado aos hospitais civis de Lisboa. Por entre uma paisagem de sobreiros que se estende por perto de três mil hectares, perdendo-se nas curvas de algumas colinas que tocam o azul do céu, o "monte," com os seus celeiros e casas de habitação é um grito de vida no meio da desolação que nos rodeia, onde o sol impera como um soltão.

Aqui e além aldeias de carvoeiros, curiosas aglomerações, onde os carvoeiros passam semanas preparando o carvão numa vida primitiva e que nas vésperas de Santo António pareciam antegosar já a folia dessa noite paganizada, por entre danças e fandangos e canções maguadas onde a ausência é o "leit motiv," a fonte amargurada e triste de todos os motes e quadras, as quadras que no dizer tão belo de Fernando Pessoa, "são flores que o povo põe à janela da sua alma." A extensão da herdade é ilimitada, cansando os olhos de abranger uma área enormíssima, que se esbate na curva hirta e longínqua de alguns montes vestidos com a "parure," verde dos pinheiros, parecendo subir lentamente a própria curva dos montes. A herdade além do disfructo de cortiça e carvão em grande abundância, tem pedaços agricultados de horta e como tôdas as grandes explorações agrícolas sobeja-se a si própria, tudo possuindo nas suas terras extensas. O velho feitor



## A herança de Rovisco Pais ao Hospital de S. José

parecendo arrancado a um painel quinhentista, tipo de português perfeito, curtido de sol e de trabalhos fala-nos da herdade com uma ternura apaixonada; e só ouvindo-o se tem a noção infinita e longa d'esses três mil hectares de sobreiral e de lavoura. O silêncio envolvente esclarece-nos a beleza eterna da paisagem desgrehada e triste, transição da pulcritude, do "talvegue," ribatejano, em plena primavera, com o tapete verde das videiras deslumbrantes e prometedoras, para a paisagem alentejana vestida de estamena, como amortilhada num burel panteista.

Além dessa herdade e de outros legados em dinheiro que perfazem globalmente e possivelmente, a importância de vinte mil contos, José Rovisco Pais deixou também aos Hospitais Civis a herdade de Pegões, a 70 quilómetros ao sul da capital, junto à estação do mesmo nome.

A paisagem tem aqui um horizonte extenso e longo de lezíria. São perto de oito mil hectares de terrenos para cultivo de trigos, enodados com a mancha verde e rendilhada de alguns pinhais isolados. A herdade extensíssima e riquíssima, além dessas dimensões enormes tem grande quantidade de sobreiros e imensas pastagens, onde pastam manadas de gado vacum e rebanhos de ovelhas. Este ano de lavoura foram cedidas terras a trezentos ceareiros, numa superfície de três mil hectares. Por aqui se avalia rapidamente o valor e a categoria desta herdade, uma das maiores de Portugal.

O seu monte é enorme, com celeiros e muitas casas para trabalhadores e bastantes arrecadações. A categoria agrícola desta propriedade, posto que seja incalculável dá-lhe uma especial importância; porque além do cultivo de trigo, de possuir um sobreiral e de apascentar centenas de cabeças de gado, pela sua extensão transforma-se numa pequena Chanaan. Terrenos fecundos e bem condicionados dão-lhe anualmente uma produção de trigo importantíssima, permitindo, como já acentuámos, que sejam ainda cedidos três mil hectares a trezentos ceareiros, conseguindo-se assim que a maior parte da sua extensão seja agricultada e possa dar um rendimento maior.

Raras vezes, em Portugal, um acto de tanto civismo, tão nobre e tão espontâ-



neamente foi cometido. Além duma dívida de mil e quinhentos contos para uma Maternidade, José Rovisco Pais dota os Hospitais Civis com uma herança, que se pode afoitamente repetir, que é a herança duma grande casa de lavoura lusitana.

Os Hospitais Civis ficam, pois, detentores duma exploração de máxima responsabilidade e importância, sendo justo que lhe dêem uma direcção e uma administração próprias, para que as herdades se mantenham tal qual como se elas fôsem legadas a um sucessor directo. Será para os Hospitais Civis de Lisboa um título de glória, que amanhã se saiba pelos seus visitantes e pela voz pública, que as herdades se mantêm com a sua fisionomia própria e com o seu carácter agrícola intacto.

A nação deve manter inalterável a vontade d'esse benemérito sem filhos nem descendentes directos, que tudo deixou a uma instituição, digna da ternura e da simpatia de todo o país. Lanço mesmo um alvitre. O primeiro hospital a construir em Lisboa, deve ter o nome dessa grande figura de lavrador, que tudo deixou à grei, numa vontade espontânea e nobilíssima que só eleva o civismo admirável do seu acto. Por isso os Hospitais Civis devem manter inalterável a exploração destas herdades, a da Chamusca e a de Pegões, tal qual como se elas estivessem ainda a ser geridas pelo grande coração que as doou aos Hospitais Civis. Será esta, decerto, a melhor maneira de prestar ampla justiça à grandeza e à espontaneidade do seu gesto.

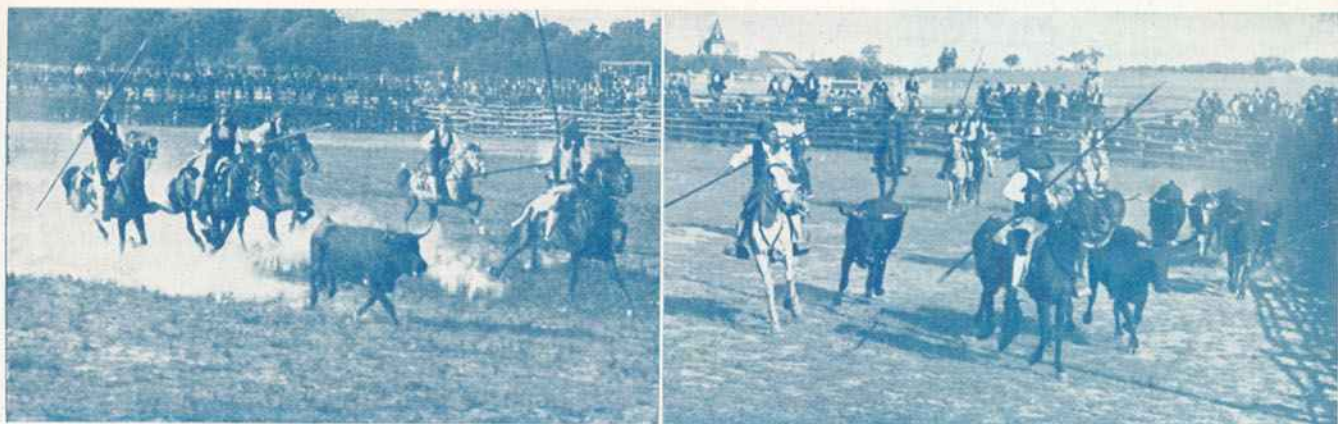
Correia da Costa

(Cliches José M. A. Rodrigues).





## ACTUALIDADES



**A Festa Ribatejana** — Por iniciativa do jornal o «Século» efectuou-se no campo do Jockey Club, ao Campo Grande, a anunciada Festa Ribatejana. De manhã houve a tradicional «espera de touros». Foi um espectáculo cheio de alegria e movimento. Automóveis e cavaleiros seguiram o gado até ao campo onde pela tarde se realizou a Festa Ribatejana. O vasto recinto encheu-se completamente. Houve primeiro parada, com desfile de lavradores e campinos. Depois seguiu-se a *picaria* dum touro por amadores, doutro por campinos e por fim houve a *degrida* de duas bezerras e corridas de campinos. Como «fim de festa» foi solto um boi embolado para curiosos. Correrias e as «respectivas» caricias do bicho fizeram com que o público risse.



#### O ministro dos estrangeiros inglês em Lisboa

— Vindo de Londres e a caminho do Brasil, em viagem sem carácter oficial, esteve no Tejo, a bordo do «Arlanza» o ministro dos Negócios Estrangeiros da Gran-Bretanha — um dos signatários do Pacto dos Quatro — sir John Simon, político de destaque em Inglaterra e figura proeminente no actual momento político internacional. Declarou aos jornalistas:

— Não tenho declarações a fazer. Venho em viagem particular, gosando um repouso merecido. Não seria de bom gosto estragar este passeio com a política...

Momentos antes do embarque, e depois de ter visitado Sintra e de ter deixado cartões em Belem ao Presidente da República afirmou:

— É esta a segunda visita que faço a Lisboa e lamento dispor de tão pouco tempo, porque desejava conhecer melhor o vosso belo País. Portugal é um exemplo de ordem e de trabalho na Europa. O seu crédito internacional é hoje um facto incontestável. E a ordem e o trabalho que reinam neste País ressaltam à vista, não necessitando ser apregoados.

Na gravura vê-se sir John Simon, acompanhado de sua esposa e do sr. Embaixador do Brasil em Lisboa.

#### Uma homenagem à memória de Brito Aranha —

A Academia de Ciências de Lisboa, pela sua classe de letras, prestou há dias uma homenagem à memória de Brito Aranha. Presidiu — por doença do sr. dr. Júlio Dantas — o sr. general Teixeira Botelho, secretariado pelos srs. Joaquim Leitão, secretário geral da Academia e dr. Bento Carqueja. O elogio de Brito Aranha foi feito pelo sr. dr. Alfredo da Cunha que leu um valioso trabalho intitulado: «No centenário de Brito Aranha — A Academia e os autores do Dicionário Bibliográfico Português».

Terminada a leitura, toda a sala se manifestou com uma salva de palmas. Em seguida o sr. dr. Joaquim Manso — ilustre director do «Diário de Lisboa» — leu uma erudita comunicação sobre o tema «Humanismo».



## Actores que desaparecem



Os últimos tempos têm decorrido funestos para o cinema. Um número invulgar de artistas, muitos dos quais foram célebres e iam, pouco a pouco, caindo no esquecimento do público, desapareceram para sempre da vida agitada dos estúdios onde conhecera as misérias e grandezas da carreira artística.

O principal foi, sem dúvida Roscoe Arbuckle o inesquecível «Fatty» que durante tantos anos alegrou o Mundo com o riso simpático e sadio do seu enorme carão redondo. Morreu sem agonia, docemente, no dia 29 de Junho, numa residência modesta de Nova York.

«Fatty» foi perseguido, na sua agitada e dolorosa existência, por uma sombria fatalidade. Conheceu a fama e uma publicidade formidável consagrou-o durante muito tempo na admiração do público. Só hoje, porém, o seu verdadeiro valor como cómico genial, de transbordante fantasia, começa a ser justamente compreendido.

Há doze anos, «Fatty» encontrava-se em pleno êxito. O Mundo inteiro saboreava guloso as imprevistas aventuras desse gorducho, cujo espírito animado se debatia contra a obesidade, numa luta de irresistível cómico. No decurso duma festa, em que as bebidas espirituosas correram abundantes, «Fatty» foi testemunha da morte duma jovem actriz de nome Virginia Rappe. Embora nenhuma culpabilidade lhe coubesse no trágico acontecimento, «Fatty» foi citado perante os tribunais como presumido autor dum crime. A marcha do processo provou que a morte da actriz fôra natural e «Fatty» foi, por consequência, absolvido. Mas a enorme popularidade que o cercava causou a sua desgraça. Enorme campanha se desenvolveu contra o infeliz actor. Como Charlot e outros grandes cómicos, «Fatty» tinha contra si o ódio das sociedades puritanas da América do Norte, cujo espírito estreito êle mais duma vez satirizara. Foi isso que o perdeu. Artigos na imprensa, comícios e outros meios de propaganda criaram-lhe uma situação insustentável. Umas após outras, tôdas as

portas dos estúdios se lhe fecharam, impossibilitando-o de reconquistar a posição perdida.

Para viver «Fatty» fez-se realizador. Sob o pseudónimo de William Goodrich dedicou-se à encenação de filmes cómicos, no que, graças à sua longa prática, adquiriu grande reputação.

Há dois anos, «Fatty» anunciara a sua intenção de voltar ao cinema, para tentar mais uma vez recuperar a posição tão injustamente perdida. E assim fez. Alguns amigos dedicados quotizaram-se para subvencionar um filme interpretado por êle. O resultado foi tão satisfatório que a «Warner Brothers» decidiu oferecer-lhe um contrato para a produção de seis películas. Mas a fatalidade continuava a persegui-lo e «Fatty» em breve reconheceu que o seu êxito estava muito longe de assumir as proporções de outrora.

Uma embolia cardíaca pôs ponto final nesta luta cruel contra o destino. Addie Mac Phail, artista de teatro, que com êle se casara há pouco mais de dois anos, foi encontrá-lo morto com uma profunda expressão de serenidade: no rosto gordo que tanto fez rir o Mundo.

No mesmo dia em que «Fatty» desaparecia do número dos vivos, os jornais anunciavam a morte de Harry Langdon, outro cómico célebre.

Quem não se recordará ainda desse singular artista cujo olhar sonâmbulo parecia desafiar o destino?

Uma fatalidade, que tem estranhas semelhanças com o de «Fatty», pesava sombriamente sobre a vida de Harry Langdon. Há cerca de dois anos, o infeliz cómico procurava por todos os meios consolidar a sua posição no cinema, bastante abalada após o advento do sonoro. Sob uma falsa acusação de roubo foi preso, conseguindo a breve trecho provar a sua inocência. Este desagradável incidente foi, contudo, um rude golpe nas suas ambições. Harry e sua mulher tentaram, então, um processo contra o queixoso, exigindo-lhe uma forte indemnização. Depois veio o divórcio e agora, finalmente, o comerciante que o perseguira injustamente perante o tribunal acaba de ver julgado a seu favor o processo de indemnização que Harry Langdon lhe tentara.

A morte rematou a tragédia do infeliz cómico que a viu decerto aproximar-se com êsse mesmo olhar inexpressivo e resignado que o celebrou.

A acrescentar a estes temas ainda Ernest Torrence, o excelente actor americano que consagrou toda a

sua carreira artística à composição de figuras grosseiras e primitivas, a que soube imprimir um extraordinário cunho de realidade. Ernest Torrence sucumbiu a uma doença que o minava implacavelmente havia muito tempo. Tinha acabado de interpretar «I cover the waterfront», e foi a enterrar no próprio dia em que êsse filme se exhibia pela primeira vez.

A sua morte deixa em aberto uma vaga no cinema norte-americano. Como actor característico dificilmente poderá ser substituído. É justamente nesse género de papeis de segundo plano que a falta de bons actores se faz sentir.

Outro actor que desaparece, deixando atrás de si um passado glorioso, é Prince. Quando o cinema francês se achava no apogeu da sua popularidade, Prince foi o artista querido das multidões. Comediante de admiráveis qualidades, produziu uma série de curtas comédias que fizeram época. Não nos ocorrem os seus títulos tão recuada é já a época em que elas brilharam nos *écrans*. Mas ainda hoje evocamos com saúde a sua figura de cómico tão original.

Durante os últimos anos do cinema silencioso, Prince tinha desaparecido por completo dos *écrans*. Vivia à sombra da celebridade que conquistara com as suas famosas comédias curtas. Quando o fonocinema veio algum se recordou que êle havia sido actor de teatro, estando por isso qualificado para defrontar o microfone. Foram buscá-lo e reconduziram-no ao estúdio.

Tomou parte na realização de diversos filmes, em papeis modestos, sem grande relêvo. A sua época passara. Representava agora figuras de velhos aristocratas elegantes. E fazia-o com essa compreensão admirável da arte cénica que o tornou

célebre. Vimo-lo ainda em Lisboa, num filme a par do artista cómico Georges Milton.

A morte, consequência dum antigo padecimento, pôs termo à sua carreira. E o cinema perdeu nele um dos grandes cómicos primitivos e espontâneos que com Max Linder e Charlot souberam, antes de ninguém, compreender o profundo sentido da arte cinematográfica.

No cinema, como em tudo, artistas que desaparecem são artistas que esquecem. Hoje detemo-nos ainda um momento a evocar as sombras que êles animaram no *écran*, fantasmas claros-escuros de seres que nunca conhecemos. Amanhã, outros nos farão rir e a êles consagramos a nossa admiração.

A morte é, sem dúvida, destino comum a todos os homens. Mas do que fica relatado conclui-se que o Mundo é muitas vezes cruel e ingrato para aqueles que procuram diverti-lo e ajudá-lo a esquecer as pequeninas misérias da vida. Um modelo de pijama usado por Leila Hyams



Uma foto pouco vulgar da inteligente actriz Claudette Colbert

# CINEMA

## Divórcios de "estrelas"

A influência que o cinema exerce nos costumes, nas ideias e até na moral do nosso tempo é incalculável. Sabemos que há quem se penteie como certo artista, quem escolha determinado modelo de vestido que figurou num filme, quem modele o seu rosto pelo de qualquer atriz célebre. A cada passo, na rua, surgem-nos réplicas mais ou menos felizes de Gretas Garbo languidas, de Claras Bow azougadas e travessas, de Ramons Novarro petulantes e conquistadores. Mas tudo isso não é mais do um aspecto superficial da enorme influência exercida pelo cinema — influência que se reflete mais profundamente ainda, se bem que muitas vezes não o notemos, nas ideias e na moral do nosso tempo.

Não nos referimos já à acção exercida propriamente pelos filmes. Essa, se bem que importante, tem um carácter heterogénio. Há sempre dois filmes para sustentar dois conceitos opostos. E a influência resultante, sendo poderosa, é contudo indefinida, sem directrizes gerais.

O mesmo se não dá quanto aos actores. Hollywood criou essa categoria especial de seres humanos que são as «estrelas». Isolou-os, por assim dizer, do resto da humanidade. E para servir os seus interesses criou em torno deles uma formidável organização de publicidade, que tem por missão gritar, aos quatro cantos do globo, o que pensam, o que dizem e o que fazem as «estrelas».

E incontestável que o público, considerado na generalidade — e mais ainda noutros países do que no nosso — se interessa por este género de publicidade. As revelações sobre a vida íntima das «estrelas» são lidas com avidez. Tudo o que aos seus gostos e costumes se refira é saboreado com prazer. Não o ignora a Imprensa — sobretudo na América — que a miúdo serve ao leitor esse apreciado prato jornalístico.

Ora dentro das suas especiais condições de vida, as «estrelas» constituem, de facto, uma categoria à parte — perdê-se-nos o exagêro — dentro da Humanidade. Não são uma pura invenção dos serviços de propaganda das empresas. São, sem dúvida, criaturas excepcionais que um conjunto especial de circunstâncias reuniu nas decantadas paragens de Hollywood.

Dêste modo, embora desprezemos o muito que existe de fantasia e ridículo na desordenada publicidade dos grandes nomes do cinema, resta-nos ainda uma considerável parcela de realidade que vai exercer uma considerável influência — boa ou má — no espírito do público. São os problemas amorosos de cada artista o que

mais prende a curiosa atenção do público. Porquê? É fácil encontrar grande número de razões que o explicam. O facto, porém, é incontestável.

A esse problema sentimental vamos encontrar estreitamente ligado um outro que é sua consequência — o divórcio.

Chegamos aqui ao ponto mais importante da questão. O divórcio é uma instituição consagrada pelo cinema. No pequeno mundo dos artistas cinematográficos a percentagem de reparações legais atinge proporções extraordinárias. E pode dizer-se que o cinema tem concorrido mais poderosamente do que qualquer outra coisa para a propagação do divórcio.

Deixamos aos sábios e aos moralistas o encargo de julgar um facto que nos queremos limitar a verificar. Como apenas nos interessam, de momento, os actores de cinema, vamos tentar penetrar as razões que orientam essa singular comunidade.

Já dissemos que as «estrelas» formam dentro da espécie humana uma categoria especial. Vivem num ambiente diverso do vulgo. Para atingirem a forma de que gozam foram submetidos a uma implacável selecção a que só escaparam os que são realmente dotados de energias férreas e qualidades raras. A publicidade a que se submeteram foi para quasi todos uma dura escola de sinceridade. As suas próprias existências íntimas não lhes pertencem, mas sim à multidão. Nestas condições, é indispensável ser sincero. São pois a coragem moral e a sinceridade que determinam a sua posição em face da vida.

O divórcio representa, portanto, uma atitude clara e decisiva que se substitue ao adultério.

Por isso as «estrelas» se divorciam. Mary Pickford, há dezasseis anos, assombrou o Mundo dissolvendo o casamento com Owen Moore para se consorciar com Douglas Fairbanks. Em 1920, Mary e Douglas uniam os seus destinos e durante longos anos foram considerados o casal mais unido de Hollywood. Contavam-se pequenos pormenores da sua vida de enamorados. Nunca Douglas jantou face a face com sua mulher, separados pela largura duma mesa. Preferia ficar junto dela, amorosamente recolhidos a um canto. Mais tarde tudo mudou. Douglas começou a fazer extensas viagens pelo Mundo. A sua presença em Hollywood ia rareando. E agora o mais imprevisível e o mais lógico fim vem rematar esta situação. Douglas e Mary põem no seu romance de amor o ponto final decisivo e sincero dum divórcio.



Glória Swanson, artista de temperamento irrequieto e insatisfeito, encontra-se actualmente na sua quarta experiência matrimonial. O mesmo sucede a Charlot. E há mais, muito mais, que se obstinam em encontrar uma felicidade que lhes foge.

Constance Bennett, artista que uma publicidade desenfreada exaltou extraordinariamente, celebrou-se também por dois retumbantes divórcios. Ana Harding, que foi casada com Harry Bannister e com quem constituiu durante anos um dos casais mais unidos de Hollywood, surpreendeu também há algum tempo os seus admiradores com um inesperado divórcio.

Contudo, existem ainda lares que parecem resistir com êxito à onda esmagadora dos divórcios. Harold Lloyd e sua mulher Mildred Davis, estão neste caso. Norma Shearer e Irving Thalberg formam outro dos casais unidos por uma estreita amizade.

Mas o caso ainda recente do divórcio de Chevalier e mais ainda o de Douglas Fairbanks vieram tirar muitas ilusões sobre a felicidade conjugal em Hollywood. O primeiro abandonando a simpática Ivonne Valée pouco tempo após a sua chegada aos Estados Unidos. O segundo, como relatámos, rematando com um divórcio inesperado a sua união com Mary Pickford.

Actualmente, «Pickfair» a encantadora moradia de que Douglas e Mary haviam feito o ninho suntuoso dos seus amores e que durante muito tempo foi apontada como o modelo dos lares tranquilos de Hollywood vai ser vendida. E por cerca de 80.000 libras — menos de metade do seu valor — qualquer estranho poderá entrar de posse da famosa residência.

De tudo isto nasceu a lenda de que na atmosfera envenenada da cidade dos filmes paira um mau espírito que rompe todos os laços, ainda mesmo quando eles parecem indestrutíveis.



Uma elegante «stollette» da elegante actriz da Paramount Peggy Hopkins

Sylvia Sydney, a emocionante artista americana de «Ruas da Cidade»

## CINEMA

NOTA DA QUINZENA

## Filmes antigos

A grave crise que o cinema atravessa levou os produtores de filmes a encarar muito a sério a reedição de velhas películas que obtiveram êxito e que seriam agora acrescidas dum acompanhamento musical.

Pensa-se, portanto, em fazer reaparecer no écran os primeiros filmes de Douglas Fairbanks, Mary Pickford, Rodolfo Valentino, Charlot, etc.

O que é curioso é que são justamente os actores que se mostram dispostos a fazer oposição à ideia. Charlot e Douglas, por exemplo, receosos do ridículo em que a exibição desses filmes os faria correr, declararam-se dispostos a recorrer ao tribunal. Harold Lloyd, por seu lado, intentou acção judicial contra um distribuidor que pretende exhibir alguns dos seus primeiros filmes.

Estes casos são, em geral, duma difícil resolução por não ser possível definir exactamente a quem pertence a propriedade dos filmes antigos. Nos primeiros tempos do cinema, o negativo era muitas vezes vendido ao distribuidor que se encarregava da tiragem de cópias positivas.

Em resumo, a ideia tem provocado uma inquietação que nos parece inútil. A exibição dos caracóis de Mary Pickford e das primeiras aventuras ingénuas e atléticas de Douglas não contribuiria em nada para resolver a crise actual. E os exibidores que se dispusessem a experimentá-lo bem depressa se convenceriam desta verdade.

O realizador Vitor Trivas está preparando a realização de «Noventa e três», segundo a célebre obra de Vitor Hugo.

«Noventa e três» é uma das obras mais vigorosas do genial escritor francês que historia os tempos heróicos e confusos que seguiram à Revolução Francesa. É um conjunto admirável de belas imagens, animadas por uma acção poderosa, onde o artista que é Vitor Trivas poderá encontrar farto material para a composição duma grande obra da cinematografia francesa.

Pierre Blanchar, um dos nomes mais em evidência do cinema francês, foi contratado para interpretar um dos principais papéis.

Na vida febril dos estúdios surgem, por vezes, pequenos episódios que revelam em toda a sua cruzada feições irónicas e trágicas da vida.

Há tempo, por exemplo, durante a filmagem de «Berkeley Square», o realizador notou que um figurante seguia com concentrada atenção todo o trabalho dos artistas. Tão extraordinária lhe pareceu essa atenção que quis saber quem era esse observador interessado. A ficha de identidade do figurante revelou-lhe o nome — Tom Ricketts.

Para o leitor que talvez o ignore, dir-lhe-emos

que Tom Ricketts era há dez ou doze anos um dos realizadores mais categorizados da América. Hoje como se vê, contenta-se com a posição de modesto figurante.

Apesar dos desanimadores resultados até hoje obtidos, a indústria cinematográfica italiana persiste, com admirável coragem, em se organizar sobre bases estáveis. Assim, um novo e poderoso consórcio de produtores acaba de se formar em Turim. A actividade do novo organismo começou em 15 do mês findo com a realização de «Villafranca», obra que tem por fundo a segunda guerra da independência italiana.

Após diversas outras produções projectadas, a nova empresa empreenderá a adaptação ao écran da famosa peça de Mussolini intitulada «Os cem dias». Como se sabe esta obra do ditador italiano obteve considerável êxito, tanto pela categoria do autor como pelas suas próprias qualidades literárias. Espera-se, por isso, que igual sorte esteja reservada à versão cinematográfica.

Werner Krauss, o famoso autor austriaco, interpretará possivelmente o difícil papel de Napoleão, de que já deu no palco uma admirável criação.

Jacques Catellain vai regressar à actividade no filme «Castelos do Sul» que está sendo realizado em Berlim.

O artista que foi um dos primeiros galãs do cinema francês, prepara-se assim para reconquistar uma celebridade que ia ficando esquecida.

Há algum tempo que um simpático casal de esquimós em encontra em Hollywood disposto a tentar fortuna no cinema.

O marido de que se chama Chee Ak, fala correctamente o inglês, visto que foi educado por missionários ingleses do Alasca. Tomou parte em diversas expedições polares na companhia de alguns intrépidos exploradores. Quanto à mulher, que conta apenas 16 anos, chama-se Kyatuk e não quer de forma alguma vestir-se à americana.

As máquinas cinematográficas ainda lhe inspiram grande terror, mas é de esperar que



Marlene Dietrich no filme «Cântico dos cânticos»

com o tempo consiga vencer esse instintivo receio.

O casal esquimó vai agora interpretar um filme cuja acção se passa no polo. É natural que regresse depois ao seu país com um punhado de dólares e com um repertório de histórias maravilhosas que farão as delícias da sua tribo nas longas noites do inverno ártico.

Diversos jornais relatam que um tal doutor Gaspar, de Berlim, descobriu um novo processo de cinema a cores que está destinado a revolucionar a indústria.

Esse processo não exige aparelhos complicados e o trabalho de laboratório será tão fácil como se se tratasse de filmes vulgares em claro-escuro.

Se assim for, pode prever-se para muito breve a era dos filmes em cores que virá suceder à dos filmes sonoros e acrescentará a estes um particular encanto.

A capa do presente número representa a actriz Mac West, da «Paramount», que nos últimos meses ascendeu à maior celebridade no mundo do cinema.

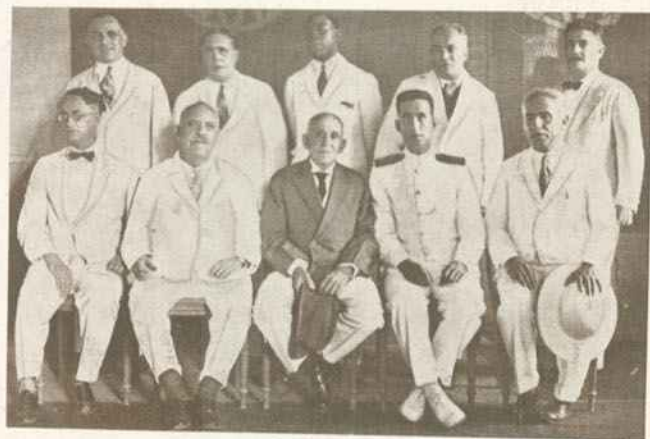
## FIGURAS E FACTOS



REUNIÃO DE CURSO. — Os advogados que frequentaram o primeiro curso da Faculdade de Direito de Lisboa em 1913, reuniram-se há dias num banquete de confraternização. Antes do repasto, estiveram no edifício da Faculdade, onde foram recebidos pelos srs. drs. Lobo d'Avila Lima, em nome do sr. dr. Abel de Andrade, director daquele estabelecimento de ensino, e Albino Vieira da Rocha. Em nome dos visitantes, falou o sr. dr. Ferreira Deusdado. De manhã, realizou-se uma missa por alma dos condiscipulos falecidos, que foi dita pelo reverendo dr. Oliveira Martins, que pertenceu ao mesmo curso.



GAGO COUTINHO EM AFRICA. — O sr. almirante Gago Coutinho, na sua passagem por S. Tomé, foi alvo dum carinhoso e entusiástico acolhimento. Logo depois do desembarque, dirigiu-se, acompanhado de inumeras pessoas, à Câmara Municipal, onde houve uma sessão solene, presidida pelo governador da colónia. Foi-lhe oferecida uma mensagem, coberta de inumeras assinaturas e a Câmara Municipal conferiu-lhe o diploma de cidadão honorário de S. Tomé. Seguiu-se depois um almoço de 86 talheres, a que assistiram as senhoras que se veem na gravura publicada acima. Na outra, rodeiam o grande sábio, os membros da comissão promotora da recepção. Após o banquete, o sr. almirante foi acompanhado até à ponte de embarque por uma enorme multidão que o aplaudiu e encheu de flores. Ao largo do cais estavam formadas muitas dezenas de crianças das escolas. A comissão de recepção era composta pelos srs. major Rafael de Oliveira, tenente Norberto Monteiro, engenheiro Salustiano da Graça, dr. Miguel Machado, dr. Correia Afonso, Joaquim Rosado, Victor Portugal, António Correia de Oliveira e Tomé Pinto.



RECORDANDO O PASSADO. — O curso médico de Lisboa, de 1918-23, reuniu-se há dias. De manhã houve missa por alma dos condiscipulos e professores falecidos. Em seguida, os componentes do curso, dirigiram-se à Faculdade de Medicina, onde foram recebidos pelo sr. dr. Sobral Cid que agradeceu e retribuiu as saudações apresentadas, em nome dos seus colegas, pelo sr. dr. Luis Macieira. Depois do almoço, que se efectuou na Praia das Maças, estiveram na Associação dos Médicos e à noite efectuou-se o banquete, a que assistiu o sr. dr. Sobral Cid, tendo-se trocado afectuosos brindes.



**Georges Speicher**

(FRANCEZ)

1.º classificado:  
147<sup>h</sup> 51<sup>m</sup> 37<sup>s</sup>



**Learco Guerra**

(ITALIANO)

classificado:  
147<sup>h</sup> 55<sup>m</sup> 38<sup>s</sup>



**Giuseppe Martano**

(ITALIANO)

3.º classificado:  
147<sup>h</sup> 56<sup>m</sup> 45<sup>s</sup>

# PELO MUNDO FÓRA

## 27.ª volta a França em bicicleta



**A "equipe,, francesa**

1.ª classificada com o tempo de 444<sup>h</sup> 32<sup>m</sup> 50<sup>s</sup>



**A "equipe,, belga**

2.ª classificada com o tempo de 445<sup>h</sup> 53<sup>m</sup> 46<sup>s</sup>



**A "equipe,, alemã**

3.ª classificada com o tempo de 447<sup>h</sup> 13<sup>m</sup> 14<sup>s</sup>



**A "equipe,, suíça**

4.ª classificada com o tempo de 448<sup>h</sup> 45<sup>m</sup> 43<sup>s</sup>



**Georges Lemaire**

(BELGA)

4.º classificado:  
148<sup>h</sup> 07<sup>m</sup> 22<sup>s</sup>



**Maurice Archambaud**

(FRANCEZ)

5.º classificado:  
148<sup>h</sup> 12<sup>m</sup> 59<sup>s</sup>



**Vicente Trueba**

(ESPAÑHOL)

6.º classificado:  
148<sup>h</sup> 19<sup>m</sup> 04<sup>s</sup>

## Premios escolares



PAULO Vernière, aluno do liceu de Saint-Etienne, de Paris, foi o estudante mais premiado, este ano, das escolas parisienses. Ei-lo, à saída do liceu, carregado de livros. O Premio oferecido pelo Presidente da Republica, que foi concedido, consistia num exemplar do grande dicionário Larrousse,

## Banhos de Sol



EM Biarritz — uma das praias francesas de grande renome — as senhoras, após o banho, desnudam, quasi por completo, as costas e o peito, e expõem-se ao sol. O que se diria em Portugal se tal se aventurasse uma senhora em qualquer das nossas praias?

## Corridas de «side-cars»



EM Berlim, realizou-se, há pouco o Circuito de l'Avus, para «side-cars». Os passageiros, para estabelecer o equilibrio nas voltas, tomavam as mais extravagantes posições, como se pôde ver na gravura que acima publicamos.

## PELO MUNDO FÓRA

O «canto» da vitória dum «boxeur»



PRIMO Carnera — o grande pugilista italiano — que conquistou o titulo de campeão do mundo, batendo ha poucos meses o «boxeur» Sharkey, foi na noite do combate para um bar de New-York e ali «cantou», tocando êle próprio harmonio, a sua grande vitória...

As mais belas «costas» de Paris...



PARIS é a cidade dos concursos — concursos originais. A quinzena passada effectuou-se na capital franceza «O concurso das mais belas costas de Paris». Houve cerca de cincoenta concorrentes. A gravura mostra-nos algumas das senhoras durante a exhibição, perante um júri, composto de pintores, escultores e jornalistas, das suas respectivas costas...

Uma partida de «bridge» sensacional



O grupo americano de que faz parte o celebre jogador de «bridge» Ely Culbertson bateu-se em Paris com o grupo francês de Pierre Bellanger. Foi uma notável partida, presenciada por dezenas de pessoas. De comum acôrdo foi adotado o «plafond». O «match» foi declarado nulo.

## O verão no «Bois»



TAs raparigas — e como elas muitas dezenas — passeiam no «Bois de Boulogne» de Paris, em fato de banho. O calor a isso obriga e a policia não se importa com o nudismo... Elas tomam fresco, sem que vistas indiscretas as incomodem... Outros habitos...

Depois da «colhida»...



MANOLO Bienvenida reapareceu na praça de Barcelona, depois da grave colhida que sofreu, na praça grande de Madrid. Logo ao primeiro touro foram-lhe concedidas as duas orelhas e o rabo do bicho que abateu à primeira estocada. Deu duas voltas à praça e as senhoras encheram-n'o de flores...

A 323 km. à hora!



O aviador francez Georges Detré ganhou a Taça Deutsch de la Meurthe por ter alcançado a velocidade de 323 quilometros e 800 metros à hora. Ei-lo, momentos depois de aterrar, recebendo um beijo da mulher. O segundo classificado — aviador Delmothe — alcançou 291 quilometros e 500 metros

## Festas de caridade

GINCANA INFANTIL

Na tarde de sábado 10 do corrente, realisa-se em Sintra, uma interessante «gincana infantil» de caridade, organizada pela comissão de festas de Nossa Senhora do Cabo, em que serão disputados seis artísticos prémios, a saber 1.º — «Barco», 2.º — «Urso Branco», 3.º — «Lobo do mar», 4.º — «Yo-yo Gigante», 5.º — «Pião com música» e 6.º — «Livro de gente de palmo e meio», nas seguintes provas:

«Corrida de animais», «Largada de Pombos e Balões», «Tiro no Boneco Gigante de Sete Dedos», «Pesca Milagrosa», «Pim-Pam-Pum», e «Come tudo».

Haverá também teatro de fantoches, em que será representado um interessante original intitulado «Diálogo entre Robertos», escrito expressamente para esta festa, pelo brilhante escritor e nosso antigo colega na imprensa sr. dr. Luís de Oliveira Guimarães.

A inscrição para a «gincana infantil» é de 6\$00 e faz-se no «Bureau de turismo», no Cartório da Misericórdia e Hotel Costa.

Pelo grande interesse que esta festa de caridade está despertando é de prever que ela revista extraordinária animação e brilhantismo.

## Casamentos

Na Paróquia da Estrela realizou-se no último sábado, com grande brilhantismo, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Gonçalves Pedroso, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Alda Gonçalves Pedroso e do nosso querido amigo sr. José Maria Pedroso, digníssimo gerente da Casa Bancária Borges & Irmão, com o sr. Vasco de Lacerda Marques, filho da sr.<sup>a</sup> D. Maria Amália Pereira Lopes de Lacerda Marques e do distinto architecto sr. Tertuliano de Lacerda Marques, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da elegante vivenda «Maria Luísa», em S. João do Estoril, residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, depois para o «Palace» do Buçaco, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> P. Maria Bettencourt Rebêlo, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Vera de Bettencourt Olavo e do sr. Luís Pedro Rebêlo, já falecido e enteada do sr. dr. Carlos Olavo, secretário geral do Governo Civil de Lisboa, com o sr. Pierre de Beneducci, funcionário superior da Vacuum Oil Company, filho dos srs. marqueses de Beneducci.

Foram padrinhos, por parte da noiva, sua mãe e seu padastro e por parte do noivo os srs. drs. Bettencourt Rodrigues e Xavier da Silva, antigos ministros dos Negócios Estrangeiros.

O acto religioso, foi celebrado em capela armada na residência da mãe do padastro da

## VIDA ELEGANTE

noiva, à Estrêla, sendo celebrante o prior da Lapa, reverendo Domingos Nogueira, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche, devendo os noivos, seguir este mês para o estrangeiro, em viagem de núpcias.

— Na capela da Casa do Monte, na Póvoa do Varzim, residência da sr.<sup>a</sup> D. Virginia Alves de Campos, realizou-se o casamento de sua interessante sobrinha sr.<sup>a</sup> D. Maria Carolina de Campos Trocado, filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Alves de Campos Trocado e do sr. dr. Josué Trocado, com o sr. António Pinto de Carvalho Feitas do Amaral filho da sr.<sup>a</sup> D. Ana Mendes Ribeiro do Amaral e do coronel sr. Duarte do Amaral Pinto de Freitas.

Serviram de madrinhas a mãe e a tia da noiva e de padrinhos o pai e o irmão do noivo



A sr.<sup>a</sup> D. Maria da Conceição Gonçalves Pedroso e o sr. Vasco de Lacerda Marques, com os convidados, a saída da Basílica da Estrela, por ocasião do seu casamento realizado na tarde de sábado, 29 de julho passado

sr. Duarte Pinto de Carvalho Freitas do Amaral. O acto religioso, foi celebrado por Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Évora D. Manuel da Conceição Santos, que no fim da missa fez uma notável alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Serviram de caudatárias as meninas Maria Emília de Sequeira Braga Cochofel Teixeira Dias e Maria do Carmo Freitas do Amaral Lobo Machado, conduzindo as alianças o menino Pedro Freitas do Amaral Lobo Machado.

Finda a cerimónia religiosa foi servido no salão de mesa da elegante residência um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o centro do país, onde foram passar a lua de mel.

— Ajustou-se oficialmente, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Amália Teixeira Wirtz, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Olívia Teixeira Wirtz e do sr. Alberto Wirtz, com o sr. Paulo de Borba Damião Dias, filho da sr.<sup>a</sup> D. Hermínia de Borba Nunes da Cunha e do heróico alferes sr. Damião Uias, que foi um dos primeiros oficiais portugueses mortos durante a Grande Guerra.

A cerimónia deverá realizar-se no fim do corrente.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião

da Pedreira, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Ana Rosa de Sousa Dias, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Francisca de Sousa Dias e do sr. dr. Francisco de Sousa Dias, com o sr. dr. Rodrigo Martins Gusmão Boto, filho da sr.<sup>a</sup> D. Mariana Boto e do sr. João Gusmão Boto, já falecido.

Foram madrinhas a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Sousa Dias Saraiva da Rocha e a mãe do noivo e padrinhos os srs. drs. Magalhães Ramalho e António Saraiva da Rocha.

Findo o acto religioso, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à Avenida Luque d'Ávila, um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

— Pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Luísa Veiga de Abreu Freire, foi pedida em casamento para o sr. Bernardo Maria de Almeida Freire e Albuquerque, filho da sr.<sup>a</sup> D. Margarida de Jesus de Almeida Freire e Albuquerque e do sr. Victor Casimiro de Almeida Freire, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Salomé de Lima e Lemos Bravo, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assunção de Lima e Lemos Bravo e do sr. José Maria Lodo Feroz Bravo.

O acto realizar-se-á por todo o corrente mês.

— Na paróquia de Santos, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> P. Eduarda Spratley Pinto da Silva, interessante filha da sr.<sup>a</sup> D. Arminda Spratley Pinto da Silva e do sr. Eduardo Caetano Spratley Pinto da Silva, com o sr. Octávio José Salgado, funcionário técnico da Caixa Geral de Depósitos e Previdência.

Serviram de madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Pinto da Silva Spratley e D. Maria Angélica Conte Caldeira d'Ordaz de Sampaio Baptista e de padrinhos os srs. Alberto Praty e o engenheiro Evelio de Sampaio Baptista.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Andrée Renée Deyris, com o sr. Octávio Pinto da Rocha, tendo servido de madrinha a sr.<sup>a</sup> D. Lília Pinto da Rocha e de padrinho o sr. dr. Américo Pinto da Rocha, cunhada e irmão do noivo.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Realizou-se na paróquia de S. Jorge, em Arroios, o casamento da sr.<sup>a</sup> D. Mercedes Santos Tavares, gentil filha da sr.<sup>a</sup> D. Maria Catarina dos Santos Tavares, já falecida e do sr. Joaquim dos Santos Tavares, com o sr. Fernando Cazenare, filho da sr.<sup>a</sup> D. Stela Gomes Barbosa Cazenare, já falecida e do sr. Pedro Cazenare.

Foram madrinhas as sr.<sup>as</sup> D. Maria Leonor Afonso dos Santos de Almeida Pinheiro e D. Mariana Guilhermina Marques Durão de Sá e padrinhos os oficiais da armada srs. Joaquim Alberto de Almeida Pinheiro e Ladislau Mário Durão de Sá.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.



**P**ÁDUA—Pádua foi para mim uma surpresa. Imaginei sempre que esta cidade fôsse no género de Ravenna, uma pequena cidade antiga. Em vez disso encontrei uma cidade linda, grande, movimentadíssima, e com uma parte moderna muito bonita, cheia de lojas de modas, perfumarias, cabeleireiros, encontrando-se tudo o que se pode desear. Bons eléctricos, para uma terra de província, e tudo o que a vida moderna exige. Óptimos hotéis, sendo muito simpático o aspecto e o pessoal do Grande Hotel, onde me hospedei. Uma coisa a notar no povo italiano: é o acolhimento que faz aos estrangeiros que o visitam. Não falo no pessoal dos hotéis, pois que é esse o seu dever, mas em toda a gente, desde a mais distinta e culta, ao povo, o acolhimento é o mesmo, a gentileza igual, e isto provém do grande patriotismo dos italianos. Todos sentem prazer em mostrar as belezas da sua terra, mas um prazer sincero, sentido. Têm como que a gratidão por quem admira a sua Pátria. Então, quem fala italiano é quasi para eles um concidadao. E-se festejado e acarinhado. É bem diferente a sua atitude da dos franceses, incapazes de se arredar um passo para dar uma informação e achando naturalissimo que se fale a lingua deles; achando até que é uma obrigação jalá-la bem. Mas voltemos a Pádua. A parte antiga tem magníficos palácios como o Palácio della Ragione e o Palácio della Guardia. Muito interessante essa parte da cidade, com as suas ruas em arcadas, onde estão as lojas e onde mesmo com chuva se pode andar sem ficar molhado. É grandiosa e linda a praça de Vítor Manuel, e muitas praças bonitas tem. Mas em Pádua o centro é «Il Santos». Não se diz qual santo. Aqui há um sobre todos os outros, e ser compatriota e concidadao do Santo é uma das melhores recomendações. E-se tratada quasi como família do grande Santo António, que é a alma de Pádua. Os chocolates, os perfumes, os sabonetes, são «del Santos». Há uma verdadeira ternura por Santo António, toda a gente conhece a história dele, mas a sério, e não como santo de manericos e bilhas partidas. Conhecem os seus sermões, a sua vida, e admiram-no como sábio e douto e como santo de milagres. O centro de Pádua é, pois, a Basilica de Santo António.

É um mixto a sua arquitectura. Começada em 1232, um ano depois da morte do Santo, esteve a sua construção interrompida durante dezanne anos, o período da dominação do tirano Egelino. Nela se reconhecem os estilos românico, gótico e bizantino, o que a torna muito original, mas para o meu sentido de profana da Arte falta-lhe a harmonia. Tem-se a impressão que são três igrejas diferentes amalgamadas. No entanto, a sua grandiosidade torna-a soberba e dentro tem verdadeiras maravilhas. Para a minha sensibilidade a coisa mais bela que há na basilica é a capela de S. Felice. É uma das raras jóias da Arte italiana de 1300, mandada construir por Bonifácio Lupe, marquês de Soragna, oi dedicada a S. Tiago

## VIDA FEMININA

As suas paredes são revestidas dos mais belos frescos de Jacopo Avauigi e Altichieri Iullio e representam a vida de S. Tiago. A sua conservação esplêndida, e sem grandes retoques, assombra se pensarmos que foram começados no ano de 1290! Esta capela, toda de um harmónico estilo trecentesco, tem no meio um altar que choca de 1500. Este altar é a sombra negra de um erudito frade que sempre me acompanhou nas minhas várias visitas à Basilica, e que de uma rara sensibilidade artística, não admite a desharmonia. Mas na Basilica há muita coisa que destoa, sendo a principal um «panneau» da actuali-



dade, todo iluminado a lâmpadas eléctricas, que foi colocado para o Centenário no fundo do altar-mor, no côro, que é todo bizantino. Padre Luigi quasi desmaia, e tem razão, o bom velho. No altar-mor há os mais maravilhosos bronzes de Donatello e de seus discípulos. Sobre o altar-mor um Cristo crucificado, em bronze, que é sublime de expressão, parece que respira. Ao lado do altar há um candelabro em bronze, obra de Andrea Briosco, discípulo de um discípulo de Donatello, que fez alguns dos bronzes que ornam a capela-mor, mas que ultrapassou o mestre e quasi igualou o inimitável Donatello. A copela onde está o túmulo do Santo,

em frente à capela de San Felice, é de uma grandiosidade soberba. Começada em 1470, estilo quinhentista, nela predominam os mais ricos mármore, é uma jóia de pedraria, onde vemos o porfiro, o jade, o alabastro e todos os mármore italianos.

Noze episódios da vida de Santo António em baixos-relevos maravilhosos, verdadeiros grupos de mármore, ornam as paredes, e são obra de Minello, Sansozino, Iullio, Lombardo e outros grandes artistas da época.

O altar é sobre a urna de mármore verde, que contém, numa caixa de prata, os ossos do Santo. No altar os mármore alternam com os bronzes num trabalho de maravilhosa escultura. Ladeado por tocheiros em mármore e prata, é obra magnífica de 1673. As capelas por traz do côro são lindas. O que é impressionante é ver as peregrinações de toda a parte de Itália, de toda a parte do Mundo. Ouvem-se todas as linguas, e isto lá tantos meses que começou o Centenário.

É assombrosa a fé que por todo esse mundo há no nosso Santo, e que afinal tão mal conhecido é entre nós como casamenteiro e santo de bailaricos. É preciso ver a profunda reverência com que aqui todos se aproximam do seu túmulo para sentir a revolta que eu, aliás, sempre senti quando via certas estúpidas pinturas que o representam quebrando a bilha às mãos com aspecto brêjeiro. É uma lenda estúpida, que tem de acabar. Junto à basilica há uma pequena capela na praça, que eu reservei a sua descrição para o fim desta crónica porque é para mim das mais impressionantes belezas de Pádua: a «Scuola del Santos». Em baixo é a capela com algumas belas telas, mas em cima há a Sala do Capitulo, que é um tesouro artistico digno da maior admiração. As suas paredes são cobertas de frescos, e basta dizer que três desses frescos, os mais maravilhosos pelo desenho, pelas cores e pela frescura, são de Iiziano. Nunca a arte de Iiziano me pareceu tão deslumbrantemente bela. Sobretudo um deles, que representa um marido ciumento que jere a mulher inocente e que o Santo cura imediatamente. É um drama este fresco. Vemos o marido desvairado de ira e a mulher implorando piedade, uma destas lindas louras de Iiziano, e ao fundo vê-se a mulher curada e o marido de joelhos agradecendo ao Santo tê-la salvo, e com a fisionomia contrita de quem errou.

O segundo é o «Milagre do pé cortado», um filho que deu um ponta-pé na mãe, sentiu um tal arrependimento que para seu castigo cortou o pé. O Santo, compadecido do seu arrependimento, faz-lhe o milagre de lhe colocar de novo o pé. A expressão da mãe é sublime. É a dor, a surpresa, a dúvida e a alegria. Parece impossível que uma cara num quadro exprima tudo isto, e no entanto, assim é. O terceiro é o prior da Scuola del Santo distribuindo pão. É verdadeiro, parece-me que o conheço. Muitos outros frescos da vida do Santo de Campagnola, Bartolomeo Montagna e Filippo da Verona tornam esta capela uma das maravilhas em pintura que possui a Itália. São também interessantíssi-



mos os frescos do Oratório di San Giorgio, quasi todos de Altichieri Zevio. São lindos e muito bem conservados. As maravilhas rodeiam-nos nesta bela Pádua, numa sucessão de enlouquecer quem, como eu, se apaixona por estas belezas de que a minha humilde pena não consegue dar uma pávida ideia.

Maria de Eça

### A moda

VARIÁVEL e volúvel como a mulher a quem se impõe, e, que talvez por isso mesmo se submete à sua tirania, porque a sua variedade convém ao seu espírito sedento de novidades, a moda lança hoje o que ontem prescreveu e assim vemos usar de novo, o que o ano passado era decretado como deselegante. O «crêpe satin», depois de dois anos de destêrro, volta a aparecer com um verdadeiro triunfo e a ser considerado o mais distinto tecido para os vestidos de noite. Damos hoje dois modelos em «crêpe satin», um em preto e o outro em branco. Duma grande simplicidade de corte e de guarnições, o seu «chic» está na beleza do tecido e no bem feito do vestido.

Na verdade, compreende-se a sua nova vaga, porque nada há que se adapte ao corpo, desenhando a sua linha elegante e marcando os contornos, como o maleável «crêpe satin», dum brilho discreto mas que dá a um vestido um aspecto de graça luxuosa.

Para a tarde para Casino, ou mesmo para casa, damos um lindo figurino de linha moderníssima e de facilíssima execução. Em «crêpe de chine» vermelho, tem como guarnição a própria sêda no

requintado corte que o guarnece, o corpo cortado ao lado forma uma espécie de folho, «a godets», que se prolonga formando a gola vindo acabar no outro ombro, num gracioso laço. A manga, dum feição moderníssimo, tem também que se lhe diga ao fazer, porque da tesoura depende toda a sua elegância. Nesta época de vida ao ar livre, é também para atender os vestidos de «tennis» e de desporto em geral. Um dos modelos que hoje damos é em «piqué» de sêda branco, e dá aos movimentos completa liberdade, sem em nada sacrificar a elegância da sua maneira de cair. O corpo guarnecido com uma graciosa capinha, que faz manga, é duma grande novidade. O outro vestido é em «toile de soie» branca, lava admiravelmente e é todo cortado em enviuçados o que o faz assentar como uma luva no corpo que modela, deixando-o à vontade. Estes dois vestidos estão acompanhados do inimitável casaco que salva as jogadoras apaixonadas, das pneumonias. Em lã grossa, branca, tem um verdadeiro corte desportivo. / s senhoras económicas, que não gostam de ter um casaco apenas para um determinado fim, podem fazê-lo em «beije», que serve depois para as saídas da manhã, na cidade, durante o outono. A «organdi» está em moda para vestidos e para os acessórios dos vestidos de noite. Damos hoje uma linda capinha em «organdi», e luvas altas do mesmo tecido, guarnecidas na borda com flores feitas no mesmo tecido. Duas lindas flores para colocar ao peito, acompanham estes Nadas graciosos, que formam o «chic» duma mulher. Uma linda malinha em contas brancas e um colar e pulseiras níqueladas, apresentam-nos o que há de mais elegante na fantasia moderna como acessórios dos vestidos de noite.

### A criança

NADA há no mundo mais encantador do que as crianças; a sua beleza, a sua graça, a sua presença, são a maior alegria das famílias, que nelas revivem a vida. Damos hoje duas gravuras em que se vê a graça da sua expressão. Numa delas uma pequenina aprende com a maior atenção, com a sua governante, a traçar as primeiras letras. É da maior graciosidade a sua expressão, e, a boneca sentada ao lado, parece apreciar, com ternura, os esforços da sua «mãisinha». Na outra gravura uma linda garota está tratando carinhosamente dos seus periquitos, que parecem sentir-se imensamente felizes na sua gaiola dourada, e, com a sua graciosa dona. Estas duas pequenitas não têm, talvez, uma grande beleza, mas têm a frescura e a graça que tão encantadoras tornam as crianças na sua ingenuidade e na sua alegria. Nada há como estas fotografias inesperadas para nos fazerem ver a verdadeira expressão infantil.

### Receitas de cosinha

*Costeletas de carneiro «bourgeoise».* — Passar rapidamente em manteiga, costeletas de carneiro bem limpas e a que se tenha cortado o cabo. Durante esse tempo descascar e cortar às rodas delgadas batatas da Holanda e cebolas novas; misturá-las com manteiga, sal, pimenta. Untar de manteiga um prato de ir ao forno. Pôr uma boa camada de batata e cebola depois colocar-lhe em cima as costeletas, cobrir com molho de carne e depois tapar com um picado de «Champignons» depois miolo de pão, passado em manteiga. Coser num forno moderado. É um prato muito apreciado em França e que é esplêndido para variar as nossas ementas, já um pouco fatidiosas pela continuidade. É uma das preocupações das donas de casa, o variar é nisso que nós

procuramos sempre e com a melhor vontade ajudá-las para lhes suavizar a sua tarefa.

### De mulher para mulher

*Maria S.:* O branco é bonito em todas as idades e para a praia e campo nada há mais prático e mais cómodo. Lava e engoma com a maior facilidade e está se sempre bem.

*Encantada:* Está na verdade a viver um período de sonho, mas não o entregue como tantas raparigas fazem, com cenas de ciúmes e amuos ridículos. Viva a sua felicidade, com simplicidade, natural, e proceda de maneira a tornar este simpático período, agradável ao seu noivo, de maneira a que na vida de ambos, seja sempre uma época de feliz recordação. Lembre-se que da mulher depende muito equilíbrio desta época da vida.

*Jeannette:* Não imagina o prazer que a sua carta me deu. É tão agradável ver uma estrangeira compreender tão bem o nosso carácter. Vejo que tem uma tal intuição para viver que não precisa de conselhos, e, obrigada pelas suas gentis palavras.

*Bébé:* Fica-lhe bem o pseudónimo, mas não abuse dêle, porque nada há de mais maçador do que as crianças grandes. Não teime em ser assim, porque está preparando um tristíssimo futuro.

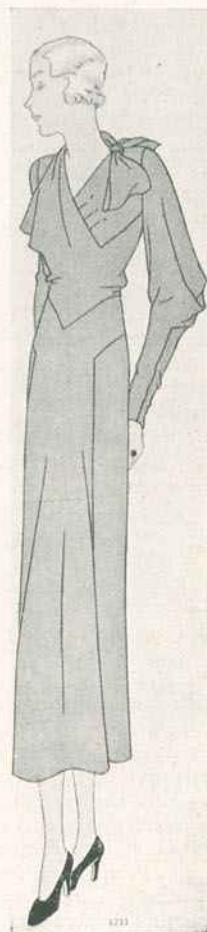
### Vestidos de praia

EM vilegiatura, o linho branco usa-se imenso. Os mais bonitos vestidos neste género, são bordados com algodão de côr, cobrindo inteiramente, a parte de baixo do corpo e o «empiéement» da saia, e as pequenas mangas curtas, que dão um lindo aspecto à fresca «toilette» de linho. Os bordados pretos e amarelos misturados dão um efeito maravilhoso, sobre a brancura do linho. Fazem-se em ponto de cruz no género dos bordados romenos. O amarelo usa-se muito como guarnição do branco. A côr tangerina é a que mais se usa depois do branco. Esta côr é muito alegre ao sol. Para estes vestidos nenhuma guarnição de côr. Somente cortes pespontados lhe fazem o efeito necessário.

A propósito de união de côres, notámos o grande sucesso do azul e do rosa o que dá um colorido pastel. Faz-se por exemplo, o vestido em linho azul com o cinto em linho pespontado e o corpo em linho côr de rosa com as mangas compridas e justas em azul. O chapéu a aba pespontada em azul e a capa côr de rosa.

### Um museu de elegância

«SÔBRE o que se chama a mulher, dizia o bom Bon-





ville, é um artigo de Paris.» E M. me Emeline Raymond acrescentou: «É difícil separar estas duas palavras, a moda e a parisiense». Parece que neste ponto as coisas não têm mudado muito desde o segundo Império. Apesar da concorrência internacional o cep-

tro da elegância não deixou de pertencer à parisiense. E é uma excelente embaixatriz a moda de Paris. Há anos houve um grande baile nas margens do Bósforo no extravagante «Yali» (palácio de verão) de Euver Pachá, baile oferecido pelo general Charpy, que comandava então o exército francês do Oriente. No decurso duma valsa (ainda se valsava em Constantinopla) fez-se um círculo em volta dum par: o alto comissário britânico Sir Horace Rumboldt, dansava com a princesa Lucien Murat. A princesa valsava maravilhosamente, mas o que chamava a atenção era o seu vestido, uma encantadora «toilette». Uma espécie de rosa em pétalas de seda, tufada como um balão. Este vestido das mil e uma noites ganhava todos os sufrágios. Britânicos, americanos, italianos, gregos, levantinos, otomanos e quando em seguida ela passou pelo braço do general Pellé, o alto comissário francês da Turquia, todos se inclinavam num cumprimento não somente a uma princesa francesa conhecida pelo seu espírito, mas também: à moda de Paris, essa magestade sem rival.

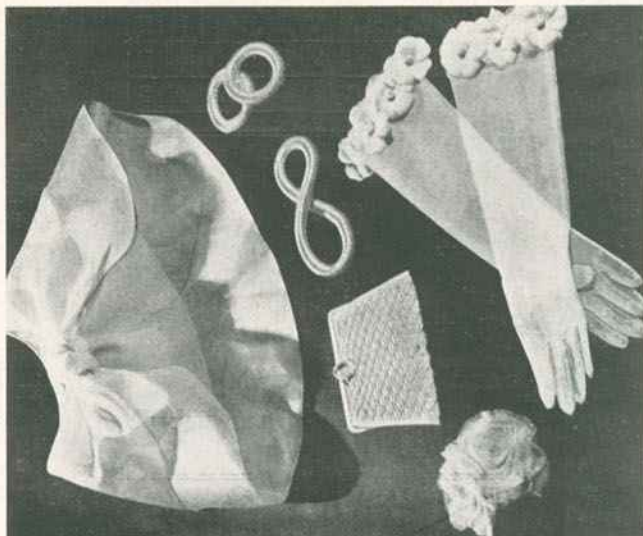
Ela merecia o seu templo e trabalha-se nêlo. A Câmara de Comércio de Paris reuniu os seus fundos para organizar um «museu de elegância». Instalar-se-á este templo de gosto, não no Marais no palácio de Sens, mas em pleno centro mundano, quasi a igual distância da «rue de la Paix» e dos «Champs-Élysées». Num palácio da rue de Surène. O director «parisiense» e amador requintado, está virtualmente designado. Um contratempo momentâneo não impedirá este belo projecto de se tornar em breve uma realidade. Graças à Câmara de Comércio, Paris poderá em breve oferecer aos curiosos e aos artistas da moda uma perfeita representação das suas elegâncias através dos tempos. Esta notícia interessa todas as mulheres e sobretudo as parisienses. Em Paris metade da população vive pela moda e a outra metade para a moda. O «Musée du Costume» que apesar de todos os cuidados de Maurice Lelaire e de Jean Robiquet, se empoeira nas arrecadações do Museu Carnavalet encontrará na rue de Surène o seu lugar lógico e junto

dos trajos: as cabeleiras, as estampas, as estuetas, as joias, os bordados, as rendas, os algodões, as «linons», as sedas, os móveis, permitirão que sejam evocadas todas as elegâncias das parisienses. Esta palavra elegância não significa luxo. Com muito dinheiro pode ser-se extremamente desleal. As parisienses mais modestas, dactilógrafas e costureiras sabem manter uma verdadeira linha de elegância e não é como nos outros países, a elegância um apanágio duma classe é um «article de Paris» ao alcance de todas como o testemunham e Jean, Fonquet, Moreau le jeune, Gavami e Millet.

Elegâncias sim, mas elegâncias humildes como luxuosas. Junto do turbante emplumado da duquesa de Ganjeais não será esquecido o avental de Jenny, a operária, e a touca de Mimi Pinson. A província não será esquecida e os admiráveis trajos bretões bolonheses, arlesianos, lorenos, alsacianos, serão expostos. Não é nesse traje que reina a moda caprichosa e efémera, mas não há elegância mais durável e comvente do que a dos trajos regionais que personificam o gosto e a elegância duma raça.

### A Mulher e a Ciência

A fundação do Instituto electro-mecânico feminino, que se realizou em Paris sob a direcção da engenheira Maria Luísa Paris, faz lembrar a um



colaborador do «Figaro», que não foi preciso esperar o século XX em França, para ver matemáticas e sábias. Em 1590 nasceu perto de Paris, Martine de Bertere. Aos dezesseis anos casou com um fidalgo flamengo dedicado ao estudo das ciências, Beausoleil, era conselheiro e comissário geral das minas da Hungria e do Tirol. Martine falava correntemente cinco línguas, além do latim e sentia-se atraída pelos estudos de matemática. Acompanhava o marido nas suas viagens, participava dos seus estudos, ajudava-o nas suas investigações. Percorreram juntos quasi toda a Europa foram à América recolhendo um tesouro de conhecimentos e de observações científicas no regresso destas viagens. Martine publicou um livro sobre os conhecimentos indispensáveis a um perfeito engenheiro. Era o primeiro trabalho deste género que se escrevia e saía da pena duma mulher. Foi a primeira que teve a ideia de explorar as minas de França e obteve o encargo de estudar o minério bretão e o do Sul da França, à frente de 60 operários. O marido foi nomeado inspector geral das minas de França.

A merecida fortuna dos dois cônjuges despertou a inveja e os dois sábios foram acusados de sotilégio. O preboste de Morlaix, onde trabalhavam apoderou-se dos seus papéis, dos seus planos e dos instrumentos de trabalho deixando-os sem um escudo. Madame de Beausoleil escreveu uma carta ao cardeal de Richelieu que ficou sem resposta. A opinião pública estava muito excitada. Afirmava-se que os seus trabalhos tinham por fim acordar os demónios escondidos nas vísceras da terra e fazê-los sair. Madame de Beausoleil foi fechada na prisão de Vincennes e seu marido mandado para a Bastilha.

### Um aproveitamento útil

As sociedades rádiofónicas alemãs, organizam transmissões para as escolas, cujos programas se organizam de acordo com uma comissão creada pelo Ministério da Instrução. A estação central a «Für Schul Funk», começou a sua actividade em Julho de 1930. A actividade deste organismo consiste em recolher, seleccionar e utilizar, todas as experiências das Comissões instituídas nos vários distritos, para os programas de rádio-difusão escolástica. O resultado desta actividade é metódicamente estudado na «Schul Funk», que desenvolve todas as questões, que dizem respeito à actividade rádio-escolástica. Desta, fazem parte as conferências, os diálogos, as cenas dramáticas, os rádio-espectáculos instrutivos e as rádio-crónicas industriais. As primeiras experiências de rádio-difusão escolástica efectuaram-se na Alemanha em 1924, mas somente em 1930 esta actividade foi desenvolvida com carácter metódico. O número de programas destinados às escolas é diverso, segundo os vários transmissores e oscila entre duas a nove transmissões semanais, que são em geral de 25 minutos e somente em casos excepcionais de 45 minutos. O número de ouvintes, que participam da rádio-difusão escolástica atingia em Setembro de 1932, cerca de 2.565.000 dos quais 65.000 professores e 2.500.000 escolares. A maior parte das escolas é o governo que fornece os aparelhos, outros são os directores e professores, que os oferecem. Estas transmissões variam segundo a idade dos alunos que vai dos 7 aos 19 anos. Mas nas classes superiores nota-se uma progressiva diminuição de rádio-audições.

### Pensamento

A nossa condição nunca nos agrada a pior é sempre a presente.



**QUEBRA-CABEÇAS**



Da precedente linha quebrada, utilizar só os pontos por onde ela se quebra e não aqueles por onde se cruza, para que, com linhas que toquem naqueles pontos, se possam traçar as letras do nome de um dos principais rios da Europa, traduzindo esse nome em português.

N. B. — Desta linha não se aproveita nenhum traço para as letras, pois como dissemos, só servem os pontos por onde ela se quebra.

**BRIDGE**

Espadas. — 6, 4.  
Copas. — Valete, 9, 4.  
Ouros. — — — — —  
Paus. — Az, Dama, Valete, 5, 3.

Espadas. — 3. **A** Espadas. — Valet, 7.  
Copas. — 10, 7. **C D** Copas. — Dama, 8, 9, 7.  
Ouros. — Valete, **C D** Copas. — Dama, 8, 9, 7.  
Paus. — Rei, 9, 6, **B** Ouros. — 8.  
4. Paus. — 10, 8, 7, 2.

Espadas. — Dama, 8, 5.  
Copas. — Rei, 2.  
Ouros. — Dama, 10, 6, 5, 3.  
Paus. — — — — —

Espadas é trunfo. A é mão. A-B fazem ainda 9 vasas.

(Solução do número anterior)

O que mais convém a A é jogar copas. B faz a vasa e joga trunfo. C, tem então de deitar espadas. A desfaz-se da carta de paus, e D é forçado a baldar-se. B faz ainda outra vasa em copas e A o Rei de espadas.

**PENSAMENTOS**

As mulheres manejam os homens como os bons jogadores de xadrez manejam os seus peões; não tocam num, sem terem os olhos fixos noutro, que possa dar melhor resultado.

*Popé.*

A mulher é um manjar digno dos deuses, quando o não cosinha o diabo.

*Shakespeare.*

O jesuita mais jesuita de todos os jesuitas é mil vezes menos jesuita que a mulher menos jesuita de todas as mulheres.

*La Bruyère.*

Todos os raciocínios do homem não valem um único sentimento da mulher.

*Voltaire.*



**PALAVRAS CRUZADAS**

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I	N	E	G	O	C	I	A	N	T	E
II	E	G	R	A	N	D	E	S		
III	S	S	A	N	T	A	A	T		
IV	P	A	Z	D	E	E	N	U		
V	E	T	V	I	R	A	I	D		
VI	R	I	T	E	M	E	M	A		
VII	E	R	A	I	E	T	O	N		
VIII	I	A	A	R	D	E	S	T		
IX	R	A	Ç	O	I	T	E	E		
X	A	I	D	A	O	C	R	A	S	

**XADREZ**

(Solução)

Branças Pretas

1. B 1 T D Se 1. T x B  
2. D x T ++ Se 1. T 8 R, 8 D, 8 B D ou 8 C D

2. D 8 T D ++ Se 1. T joga para outra casa

2. T 1 C R ++

**PASSATEMPO**



Embora a aldeia pareça deserta, está muita gente a vêr passar o aeroplano. Otto pessoas, pelo menos, já nos contamos. Onde estão elas?

**ANEDOTAS**

— Tenho de lhe pedir dois favores.  
— Quais são eles?  
— Um, é emprestar-me 50\$00; o outro é não dizer nada a ninguém.  
— Dois favores, ao mesmo tempo, é muito' meu caro amigo; mas faça-lhe um; — não digo nada a ninguém!

Um dia, certo professor, cansou-se a ensinar a um discípulo pouco atilado uma cousa das mais simples, e quando afinal conseguiu que êle a soubesse, disse-lhe fatigadíssimo:

— Apre! que se eu não tivesse vindo para esta terra, você era o maior burro que cá havia!

No camarim de uma cantora desafinada:  
Ela: — Muito gosto eu de ouvir cantar os passaros!

Um admirador: — Também eu; e tanto mais que eles não cantam nada que esteja acima dos seus recursos!

Entre caçadores:  
— Oiça o meu amigo, o que me aconteceu no outro dia, quando fui caçar para as bandas de Setubal. Estava numa espera, quando de repente me saltou um lobo...

— Bem sei; já hontem me contou isso.  
— Impossível! Pois se a mim m'o contaram esta manhã!...

Um tenente manda o impedido saber que espectáculo dá o teatro essa noite.

O cartaz anuncia o drama: — *Morre e verás.*  
O impedido volta para o quartel e perfilando-se deante do patrão, diz:  
— Meu tenente... *Morra vossa senhoria e verd vossa senhoria!*

Em família:  
O tio: — Eu bem queria pagar as tuas dividas; mas quem ha-de pagar as minhas?

— Não sei, afinal, qual o motivo porque o senhor não quiz aceitar o Teles para seu socio?...  
— Eu lhe digo: o Teles esteve para casar com minha mulher, e não casou. Ora o senhor pode bem imaginar, que eu não ia procurar para meu socio um homem mais esperto do que eu!...

1.º amigo: — Estou convencido de que a D. Julia toca piano melhor do que canta.  
2.º amigo: — Também eu o estou.  
1.º — Porquê? Já a ouviste tocar?  
2.º — Não; mas já a ouvi cantar.

Marido: — Aquele patife teve o atrevimento de me chamar um asno colossal!...  
Mulher: — Efectivamente, tu és muito alto, e estás muito gordo... Parecees um colosso!...

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor  
incontestavel está fazendo grande sensação

# Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO *Dr. A. LORAND*

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilla

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslovaquia, Espanha,  
Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

## INDICE:

### CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidea, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

### CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

### CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidea sustentada por uma higiene bem compreendida.—III. Higiene do fígado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arteriosclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre chronica.—VI. Higiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

### CAPITULO IV—Higiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a higiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

### CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

### CAPITULO VI—Higiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a higiene alimentar.—II. Alimentação carnica. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do appetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a êle.

### CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Higiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insomia.

### CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Higiene sexua l. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

### CAPITULO IX—Higiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intellectual intenso.

### CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

### CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

### CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

1 volume de 244 páginas . . . . . Esc. 10\$00  
Pelo correio á cobrança . . . . . Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



**Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática**

COLECCAO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS  
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS  
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

**LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

**No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COUROS E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COFA E DOCARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NODOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUROS — HORTICULTURA — VETERINARIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

## LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SO RECEITA PAGA O LIVRO!

**1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00**

Pedidos às boas livrarias

**Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA**

Saiu a nova edição

## ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

**ALEXANDRE HERCULANO**

1 volume de 284 páginas / brochado . . . . . 10\$00  
/ encadernado . . . . . 14\$00

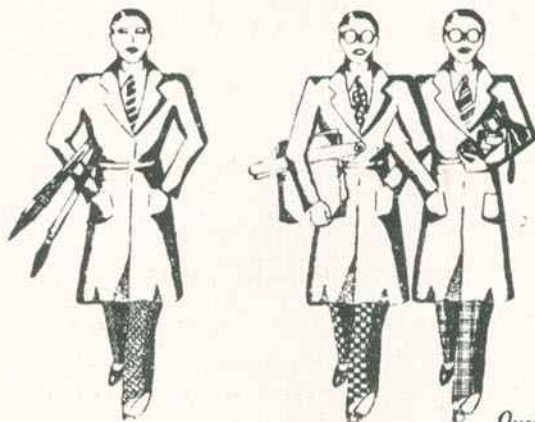
PEDIDOS À

**LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

## GRAVADORE/

## IMPRESSORES/



*Aguzzi*

## PAULINO FERREIRA

**:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::**

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,  
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1874**

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS** simples e de luxo

**Orçamentos Grátis**

**Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA**

Telefone 2 2074

TELEFONE

2 1308

# BERTRAND

# IRMÃOS, L<sup>DA</sup>

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

**A' venda a 3.ª edição**

# A batalha sem fim

ROMANCE  
POR  
**AQUILINO RIBEIRO**

1 vol de 308 págs., brochado... **12\$00**  
Encadernado... **16\$00**

PEDIDOS À  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

## Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em tôdas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.  
N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.  
N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.  
N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.  
N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.  
N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).  
N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).  
N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**  
N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**  
N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. .... **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

**Biblioteca de Instrução Profissional**

UMA OBRA DE ALTO VALOR  
**VOCABULÁRIO**  
DE  
**TERMOS TÉCNICOS**

EM  
Português, francês e inglês  
**COM 6.318 VOCABULOS**

Pelo engenheiro-maquinista

**RAUL BOAVENTURA REAL**

1 vol. de 557 págs., encadernado  
**30\$00**

PEDIDOS À  
**LIVRARIA BERTRAND**  
73, RUA GARRETT, 75  
LISBOA

**A' VENDA A 3.ª EDIÇÃO**

DO

# TOLEDO

IMPRESSÕES  
E EVOCÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

*«TOLEDO é um livro que se lê de-pressa e se relê de-vagar.»*

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado **10\$00**  
encadernado **14\$00**



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas  
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

# CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado . . . . . 10\$00  
encadernado . . . . . 14\$00



Pedidos à

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
L I S B O A

À venda a 3.ª edição

# ANTEU

POEMA DRAMÁTICO

— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado . . . . . 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR**

ou

## O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,  
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros  
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. . . . . Esc. 30\$00

PEDIDOS A

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

**A' venda a 9.ª edição**

DE

# Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

**10\$00**

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**Manuel de Sousa Pinto**

## RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O CARICATURISTA



DESENHOS ESCOLHIDOS

POR

**MANUEL GUSTAVO  
BORDALLO PINHEIRO**

1 vol. fol. Edição de luxo,  
com 90 grandes illustrações  
de Bordallo Pinheiro, repro-  
duzidas pela photogravura,  
além d'outras inseridas no  
texto. Impressão a preto e  
côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. . . . . 30\$00

PEDIDOS A

**S. E. PORTUGAL-BRASIL**  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA



# As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**À RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.  
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.  
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.  
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LEGUAS SUBMARI-  
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.  
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.  
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.  
16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.  
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAIS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.  
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.  
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.  
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.  
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.  
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.  
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.  
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.  
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.  
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.  
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.  
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.  
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.  
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.  
54—2.ª parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.  
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.  
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CESAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.  
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRAN-  
NICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.  
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.  
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.  
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.  
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



**O MELHOR ALMOÇO**  
O MAIS AGRADÁVEL  
RECONSTITUINTE  
**OVOMALTINE**

A' VENDA EM TODAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E BOAS  
MERCEARIAS  
EM LATAS DE 110 gra. 250 e 500. AOS PREÇOS  
DE 8\$50, 16\$00, 30\$00

**DR. A. WANDER, S. A. — BERNE**  
Concessionarios para Portugal

**Alves & C.<sup>a</sup> (Irmãos)**  
R. dos Correios, 41, 2.<sup>o</sup> — Lisboa